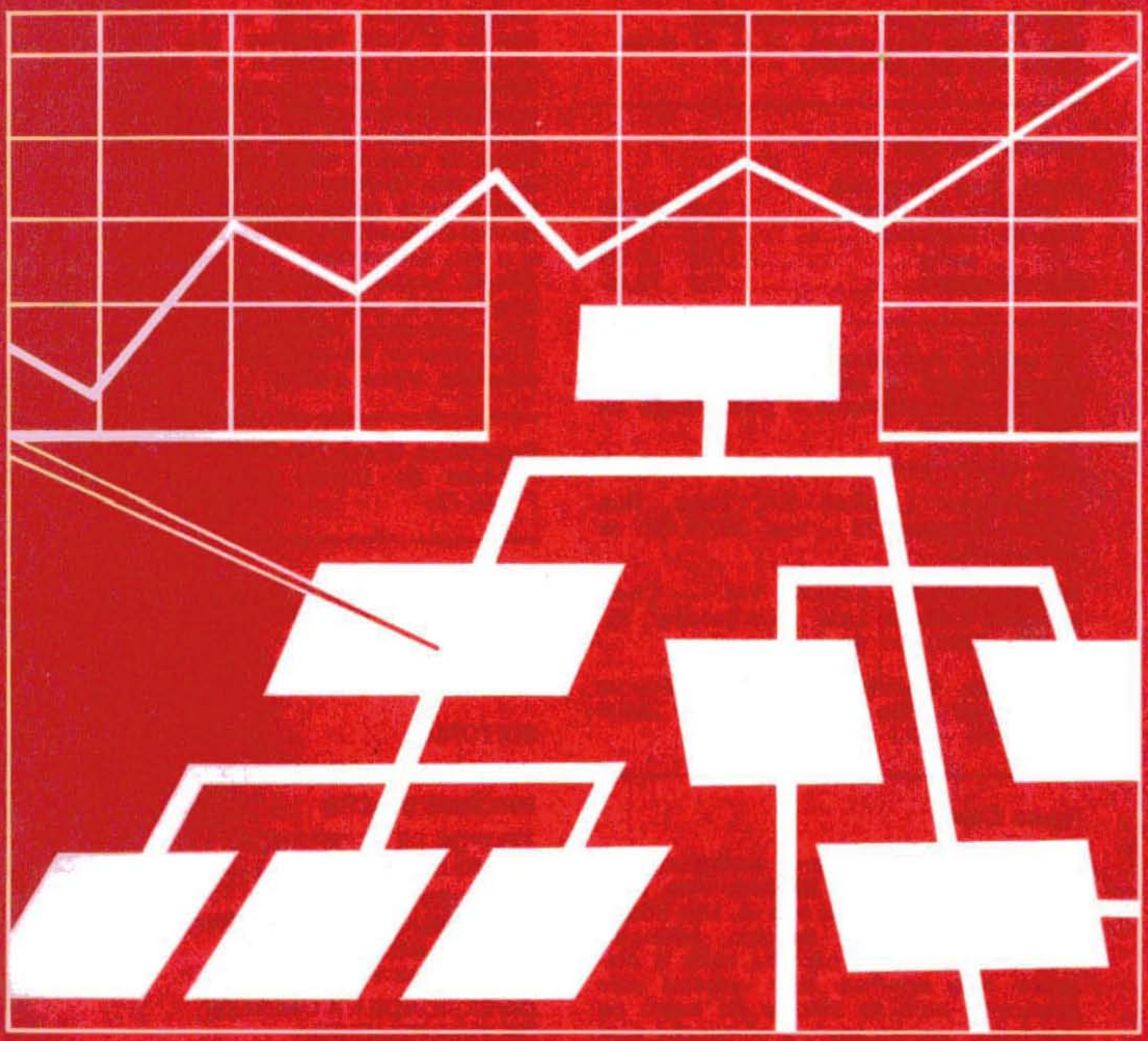
convergência

JAN/FEV — 1981 — ANO XIV — Nº 139



- **TEMPOS DE ESPERANÇA**
  Cardeal Eduardo Pirônio — página 22
- **EXPERIÊNCIA DE DEUS NA FORMAÇÃO E NA VIVÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA**
  Pe. José Belmiro de Melo, SVD — página 32
- **DIVERSIDADE NA UNIDADE DA VIDA RELIGIOSA**
  Pe. Erich Georg Henning, B. — página 44

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1981:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea)	Cr$	790,00
Exterior: marítima	US$	17,00
aérea	US$	25,00
Número avulso	Cr$	79,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa

O homem é um animal simbólico. Conhece também pelos **SINAIS**. Pelo sinal que vê, descobre o que não vê. Um SINAL indiferente, neutro, apático, ambíguo (como nossa capa) não diz nada a ninguém. Não significa. Não visibiliza nem pressupõe nem se vincula ao lastro de realidades que escapam à percepção sensória. Sem critério téorico de configuração mental, o SINAL é vazio de conteúdo real. Destituído também da marca básica de referência com realidades imateriais, não tem elã e deixa a gente perplexo. Um contra-senso: SINAL que não sinaliza. Exatamente, o que **Você, Religioso e Religiosa**, não pode ser. Cada qual tem o seu projéto e o seu caminho. Cada caminho tem o seu grau e o seu grão de inteligibilidade. Cabe a cada um escolher aquela mediação, que julga mais adequada, para traduzir, pela simples presença, o que leva em si de mais imponderável e típico: SER O SINAL de que Deus está agindo. Para perceber este mistério dos SINAIS e ver, assim, por dentro, exigem-se comunicação recíproca e amor mútuo. O que Você e **Convergência** tentam realizar nestes anos todos com relação à Vida Religiosa. Em 1981, sua revista CONVERGÊNCIA, a **Revista dos Religiosos do Brasil**, que vive a serviço de arraigadas convicções, vai ser um estímulo para que Você não ceda ao conformismo e perca de vista o reino do faz-de-conta de quem não dedicou ainda atenção perceptível à força proveniente da afinidade essencial entre as coisas mais transcendentais e o seu simbolismo. E se confirme: **SER SINAL** fundamentalmente inteligível pelo que Você é, pelo seu modo específico de ser. Como ao ser segue o agir, suas ações e Você mesmo, haverão de ser **sinais transparentes**. Mãos à obra.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL 1
CARTA AOS ASSINANTES 2
INFORME DA CRB 4
TEMPOS DE ESPERANÇA
Cardeal Eduardo Pirônio 22
EXPERIÊNCIA DE DEUS NA FORMAÇÃO E NA VIVÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA
Pe. José Belmiro de Melo, SVD 32
DIVERSIDADE NA UNIDADE DA VIDA RELIGIOSA
Pe. Erich Georg Henning, B. 44
PASSOS METODOLÓGICOS PARA ELABORAÇÃO E VIVÊNCIA DO PROJETO COMUNITÁRIO
Irmão Joaquim Panini, FMS 50
COMUNICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS
Ir. Rosália Fávero
Ir. Zélia Maria V. da Costa 60

EDITORIAL

Estrear um novo ano pode ser uma rotina ou pode constituir um desafio. No primeiro caso, basta acomodar-se ao passar monótono do calendário. No segundo, é preciso ter olhos para ver mais além do anódino suceder dos fatos. Porque a vida é uma corrente lógica e coerente.

Um nexo misterioso liga os acontecimentos. O sentido emerge dos fatos e das coisas simples do dia a dia, como a resposta provocada e pretendida.

O passado está sempre incidindo no presente e anunciando o novo que deve nascer.

Cada fato ocorrido ganha projeções incalculáveis, como fio condutor e secreto, que carregava latentemente o futuro que agora se faz presente. Desta maneira a história vai abrindo caminhos. Ninguém sabe exatamente para onde podem conduzir. Mas são caminhos. Eles apontam rumos novos e geram um dinamismo que não se detém. Por isto, cada nova conjuntura da história, cada novo momento presente é uma experiência complexa e profunda. Prefigurada. Preparada. Sofrida. Purificada por crises. Amadurecida na busca.

Nossa Igreja latino-americana, e com ela a Vida Religiosa, tem vivido intensamente este dinamismo do tempo, do hoje da história, onde se vai concretizando e visibilizando o desígnio libertador de Deus para o homem.

As décadas que precederam a atual marcaram para a nossa Igreja acontecimentos de especial significância, que continuam presentes em forma de realizações, de conquistas, de desafio, de novas possibilidades.

Medellín e Puebla, como eventos eclesiais, abriram caminhos novos, para o seguimento histórico de Jesus de Nazaré, para a vivência do Evangelho na nossa realidade. A "opção preferencial pelos pobres", o compromisso com a Justiça, a solidariedade com o povo no seu processo de libertação, a visão crítica da realidade a partir da fé, constituem grandes coordenadas da vida eclesial e da Vida Religiosa hoje no continente, que estão fazendo emergir uma nova espiritualidade e estão urgindo novos modelos de formação.

Neste ano de 81, **Convergência** quer oferecer aos seus leitores elementos de reflexão e comunicação de experiências nesta linha, como subsídios que possam ajudar a assumir a atual conjuntura da Vida Religiosa com todas as suas exigências e com todas as suas possibilidades.

No presente número, a palestra do **Cardeal Eduardo Pirônio** aos Religiosos da Cidade do Rio de

Janeiro, durante a XII AGO, apresenta a nossa conjuntura atual como um "tempo de esperança". Esta esperança, porém, não é uma espera fácil, nem um alienante aguardar o além, senão uma expectativa dinâmica e audaz, comprometida com o REINO, no aqui e no agora, até que chegue sua consumação.

Um dos aspectos mais importantes na formação é a experiência de Deus, como experiência fundante do projeto religioso. O que esta experiência significa e o que ela exige hoje para ser vivida com toda verdade, é o conteúdo do interessante artigo do **Pe. José Belmiro de Mello Filho, SVD**, que aborda o assunto com grande profundidade e clareza de pensamento.

O testemunho comunitário da Vida Religiosa é de capital importância, numa sociedade construída sobre o individualismo egoísta e excludente. Mas vivência fraterna não significa nivelamento das pessoas, nem unidade quer dizer uniformidade. O artigo do **Pe. Erich Georg Hennings, B.**, trata o assunto de uma maneira vivencial, e com grande riqueza de conteúdo, insistindo na urgência de uma vida fraterna que respeite as pessoas e suas diferenças e ajude a induzir um processo de comunitariedade no contexto social e eclesial onde se insere.

O **Ir. Joaquim Panini, FMS**, no seu artigo: "Passos metodológicos para a elaboração e vivência do projeto comunitário", aborda questões eminentemente práticas, que podem ajudar as comunidades religiosas a assumir, como grupo, um projeto de vida e a fazer deste projeto uma dedicação de comunhão e participação.

Na seção — "Comunicação de experiências" — Convergência oferece hoje aos leitores as experiências apresentadas à XII Assembléia Geral da CRB pelas Irmãs **Rosália Favero, SJC**, e **Zélia M. V. da Costa, MJC**.

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

ASSINANTE DE CONVERGÊNCIA:

Em resposta ao seu pronto atendimento ao convite que lhe fiz, em 1º de novembro de 1980, para que renovasse a assinatura da revista CONVERGÊNCIA para 1981, gostaria de lhe informar:

1. Recebi dentro do prazo — 30 de novembro de 1980 — sua renovação. Muito obrigado sinceramente. Deus lhe pague como só Ele sabe e pode fazer. Neste imediato atendimento, a **Conferência dos Religiosos do Brasil** vê uma feliz convergência de ponteiros no mostrador das idéias e dos valores que nossa revista veicula e estabelece. Isto muito nos honra.

2. Quem não fala com clareza pensa obscuramente ou esconde o que não pode declarar. Não é o caso de nossa revista, a revista dos Religiosos do Brasil. CONVERGÊNCIA se pauta pelo esforço de falar claro porque não pode haver Vida Religiosa no escuro ou na sombra nem se pode avançar em vôo cego. Os instrumentos de bordo devem estar em funcionamento perfeito. A Vida Religiosa transformou-se e se transforma numa velocidade que ameaça imobilizar muita gente no passado, com o risco de se tornar cada vez mais passado, menos capaz de entender o presente e menos ainda o futuro. **CONVERGÊNCIA** quer continuar sendo um apelo a pensar para frente e para o alto. A eficácia de nossa presença se condiciona, não raro, à vitalidade de nossas idéias. Se é verdade que a reflexão não é uma alternativa final em si mesma, constitui-se, todavia, em prelúdio de toda ação racional.

3. Não sei, Prezado Assinante, se Você já notou: a leitura de **Convergência** acaba criando elevado grau de intimidade com os fatos que envolvem a Vida Religiosa habilitando cada um a se tornar observador e analista dos mesmos. A atitude cética ou meramente linear cede lugar à consciência crítica. Descobre-se que se erra ou se desvia da rota por omissão, por excesso de otimismo ingênuo ou por simples amadorismo. A coragem de corrigir erros, de rever equacionamentos inadequados, de se impor coerência acabam prevalecendo sobre a inútil tentativa de conciliar posições antagônicas reveladoras de instabilidade e desorientação. Ler **Convergência** faz parte do delicado compromisso que liga a Vida Religiosa ao seu futuro.

4. Propiciar subsídios para a formação deste(a) Religioso(a) sempre foi o núcleo entitativo da razão de ser da **Conferência dos Religiosos do Brasil** (CRB) que tem na sua revista CONVERGÊNCIA o veículo de comunicação de suas idéias. Se posso pedir, quando recebo, pedir-lhe-ia: Leia Convergência. Divulgue-a entre os Religiosos(as) de sua cidade. Faça-a conhecida entre seus(as) co-irmãos(ãs) de Comunidade e de Congregação. A Vida Religiosa na Igreja e no Brasil bem o merece.

Sempre ao seu inteiro dispor, com fraterna amizade, subscrevo-me,

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

PELAS REGIONAIS

De setembro a novembro de 1980, realizaram-se todas as Assembléias Regionais Ordinárias Eletivas da CRB. Publicamos neste INFORME notícias de várias delas, juntamente com a relação das novas Diretorias Regionais eleitas. No mês de março, daremos notícias sobre as demais.

CRB — BELÉM

Realizou-se de 9 a 11 de novembro a Assembléia Ordinária Eletiva. O temário foi a partir da realidade do povo. Os temas da Assembléia Nacional foram abordados indiretamente pelo método Ver — Julgar e Agir. Entre as conclusões a que chegou a Assembléia, destacam-se as seguintes:

Informação e formação. Que a CRB informe sobre a existência de cursos aqui e na Nacional. Que no início de cada ano a CRB informe a respeito de cursos de Teologia, Bíblia, Política Econômica da região e nacional e que se faça divulgação destes cursos. Que promova estudos dos documentos da Igreja. Que a CRB procure saber onde há retiros de uma Congregação e solicitar vagas para outros religiosos, visando maior partilha.

Continuar com os grupos existentes, reforçar a participação e a reflexão sobre a vida religiosa, aprofundando o aspecto de Puebla na linha da fé/política, isto é, na dimensão social da nossa consagração religiosa. Fazer o possível que na próxima Assembléia todos os provinciais estejam presentes. Que a CRB procure orientar nas obras do menor carente. Que se organize um encontro de formadores e provinciais para assumir eles mesmos a organização do noviciado intercongregacional e formação dos junioristas.

Reforçar na formação a parte espiritual. Promover a pastoral vocacional: CRB/CNBB. Promover maior união entre a CRB e a CNBB. Utilizar melhor o jornal CONTATO para comunicação e informação. Promover o engajamento na realidade periférica. Formação de núcleos da CRB no interior. Já existem em Santarém e Óbidos.

A nova Diretoria. Pe. Francisco Rubeaux, Oblato de Maria Imaculada, **Presidente. Diretores:** Pe. Bruno Secchi, Salesiano de Dom Bosco. Irmã Ana Lucila Rebouças, Missionária de Jesus Crucificado. Irmã Bernadette Fernandes Vieira, Filha da Caridade. Pe. João Maria van Doren, Ordem de Santa Cruz. **Secretária Executiva:** Irmã Elena Loi, Missionária de Maria.

CRB — BELO HORIZONTE

Data: 23 a 25 de outubro de 1980. **Local:** Noviciado da Santíssima Trindade. **Participantes:** 98 pessoas. Destes 36

eram provinciais e 62 Delegados de Superiores Maiores ou representantes de núcleos diocesanos. Pela Diretoria Nacional estiveram presentes a Irmã Cléa de Castro Neves e Irmão Claudino Falquetto.

Temário: A Assembléia voltou ao tema da XII Assembléia Geral Ordinária Eletiva da CRB Nacional, de julho de 1980. Dia 23 foi tratado o tema da **Educação Popular.** Ajudou na reflexão o Pe. Antônio Pinheiro, SDB. Dia 24 estudou-se a **Inserção nos Meios Populares.** Foi explicitador o Pe. Faliero Bonci, CM. Ambos os expositores foram muito felizes em suas colocações.

Dinâmica: Para cada assunto seguiram-se os seguintes passos: (a) Apresentação ou retomada da proposta da Assembléia Regional de 1979, referente ao assunto. (b) O que se fez na Regional como resposta direta à proposta. (c) Reflexão teológica encaminhada pelo explicitador. (d) Trabalho em grupos. (e) Plenário. (f) Elaboração de propostas visando as metas do Triênio.

Relatório do Triênio. Não houve propriamente um Relatório de Atividades do triênio. Somente foram levadas em consideração as diferentes atividades do último ano, que foram expostas sucintamente na Abertura da Assembléia, pelo Frater Henrique van der Maat.

Liturgia. Para a oração das horas, o texto, bem elaborado, veio pronto e para as Eucaristias foram constituídas equipes. A liturgia foi um dos pontos altos da Assembléia.

A nova **Diretoria Regional** ficou assim constituída: **Presidente,** Pe. Faliero Bonci, CM. **Diretores:** Pe. João Duque dos Reis, SDB, Frei Célio Oliveira Goulart, OFM, Irmã Regilena Muniz Franco, Gap, Irmã Maria da Conceição Resende, Carmelita da Divina Providência.

Avaliação. A Regional de Belo Horizonte é dinâmica e assumida pelos religiosos. A área forte da Regional continua sendo a formação que sempre foi assumida inteiramente pelos formadores, sob a supervisão do Executivo. O clima geral da Assembléia foi tranqüilo, descontraído, participante e sério. Tudo foi preparado e previsto com minucioso cuidado, sentindo-se perfeita harmonia e comunhão entre Diretoria e Executivo. A presença dos religiosos foi muito boa. Quase todas as congregações masculinas com sede na Regional estiveram presentes.

CRB — BRASILIA

Introdução

A VII Assembléia Regional Ordinária Eletiva da CRB-Brasília, reunida aos dias 26, 27 e 28 de setembro de 1980 sob a consigna "COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO", depois de estudar o tema "Vida Religiosa e as Opções de Puebla", assume como objetivos e metas prioritárias, para o triênio 1980-1983, em consonância com os objetivos da CRB Nacional, as seguintes proposições:

1. **VIDA RELIGIOSA.** Que a CRB-Brasília busque mecanismos de ajuda e animação que atinjam um maior número de religiosos da Regional, para uma vivência mais consciente da consagração, da vida comunitária e na inserção na Igreja Particular e na realidade. Que a CRB-Regional se empenhe em levar aos religiosos a análise e o aprofundamento da temática desta assembléia.

2. **VIDA APOSTÓLICA.** Que a CRB-Brasília continue promovendo encontros em que participem religiosos engajados em diferentes setores da cidade ou em ministérios afins, para estudo, avaliação e enriquecimento da própria experiência. Que a CRB-Regional procure proporcionar aos religiosos educadores meios para que cheguem a uma prática edu-

cativa que responda às opções da Igreja manifestadas em Puebla. Que a CRB-Regional proporcione meios de reflexão e encontros, para uma maior compreensão e resposta ao desafio da CIDADE.

3. **RELACIONAMENTO: IGREJA-RELIGIOSOS.** Que a CRB-Regional continue seu empenho de colaboração com a Igreja Local e com os organismos eclesiais de âmbito nacional AEC, CNBB, etc. em Comunhão e Participação. Que a CRB-Regional ofereça subsídios de reflexão para uma distribuição mais equitativa dos religiosos em toda a Regional.

Nova Diretoria. Presidente: Irmão Affonso Ângelo Falquetto, Marista. **Diretores:** Irmã Rachel Mello Mattos de Castro, RA. Pe. Bernard Morissette, SJ. Irmã Josephina de Magalhães Martins, FMA. Irmã Magda Merlo, RMI.

CRB — CAMPO GRANDE

Realizou-se de 27 a 29 de outubro de 1980, a Assembléia Ordinária Eletiva da CRB, Regional de Campo Grande, Mato Grosso. **Tema:** Libertar para a comunhão e participação. **Explicitadores:** Frei Bernardo Cansi: A Libertação conduz o povo à comunhão e participação. Irmã Glícia Barbosa: Opção preferencial pelos pobres em Puebla. **Comunicações:** Frei Ary: Prioridades da CNBB Regional. Pe. José Belmiro: Assembléia Nacional da CRB, ELO, atividades da CRB Nacional.

Participantes: 46 pessoas. Vários representantes dos núcleos se fizeram presentes. **Dinâmica** dos trabalhos: exposição de temas, trabalho em grupo, plenário.

Relatório da Regional. Aspectos positivos: (a) **Em nível interno da CRB:** realizaram-se algumas coisas dentro dos objetivos propostos na última Assembléia: cursos de espiritualidade, retiros, quatro assembléias de religiosos em nível diocesano, noviciado intercongregacional em Campo Grande, 31 reuniões da Diretoria Regional nos três anos. (b) **Em nível eclesial:** Colaboração no ensino religioso nas escolas, catequese, pastoral da saúde e paroquial. Fundação e ereção do Seminário Regional sob a orientação dos Capuchinhos. Atual Assembléia talvez a mais participada em número de membros, nos últimos anos.

Relatórios dos núcleos: os representantes dos núcleos apresentaram relatórios. Alguns núcleos funcionaram bem, outros não. Ausência de religiosos presbíteros. Falta de subsídios e pessoas para apresentarem temas de interesse. Há muito desejo que os núcleos funcionem bem.

Liturgia: Muitíssimo bem preparada pelos religiosos(as) formandos(as) de Campo Grande.

Conclusões

a) Formação permanente dos religiosos em todos os níveis, favorecendo a vivência eclesial e consciência crítica. (Noviciado e juniorato intercongregacional, cursos de atualização).

b) Fortificar os núcleos nas dioceses: — oferecendo pistas para incentivar o SER Religioso nas comunidades de inserção: incentivando a união de trabalho entre padres e religiosas; favorecendo maior entrosamento das Congregações para conseguir Comunhão e participação.

c) Desenvolver alguns projetos que se realizem no MS, também no MT.

d) Formar uma equipe de apoio (reflexão) às diversas prioridades. (Foi feito pela Assembléia um levantamento de diversos nomes de gente da regional).

Avaliação. A Assembléia transcorreu bem, em clima muito tranqüilo. O tema apresentado foi fundamental para a caminhada da Igreja e da vida religiosa hoje, e foi exposto com clareza e com-

petência. A Assembléia foi bem conduzida, embora faltasse, às vezes, espírito crítico por parte dos participantes. O Bispo local esteve presente no início e no fim da Assembléia. Percebeu-se amor pela vida religiosa e desejo de crescimento da Regional por parte dos participantes. Há uma mentalização no sentido do libertar para a comunhão e participação. Notou-se a ausência de muitos provinciais que estavam presentes por representantes.

Nova Diretoria: Presidente: Pe. José Winkler, Salesiano de Dom Bosco. **Diretores:** Pe. Dorvalino Dotta, Palotino. Irmã Francisca Santana, FMA. Irmã Iranydes Fagundes, Franciscana da Ação Pastoral. Frei José Cornélio, OFM.

CRB — CURITIBA

A Assembléia Regional de Curitiba realizou-se nos dias 1, 2 e 3 de outubro de 1980. Contou com 107 participantes, sendo 15, representantes dos Núcleos de Apucarana, Cascavel, Maringá, Foz do Iguaçu, Umuarama, Jacarezinho, Ponta Grossa, Paranavaí, Palmas, União da Vitória, Toledo, Campos Mourão, Londrina, Cornélio Procópio e Guarapuava. Esteve sem representação, somente o Núcleo de Paranaguá, por circunstâncias especiais.

Estiveram presentes como convidados e dirigiram-se palavras em momentos oportunos: D. Pedro Fedalto, Arcebispo Metropolitano de Curitiba; D. Albano Cavallin e D. Ladislau Biernaski, Bispos Auxiliares, Pe. Miguelângelo Ramero, do Secretariado de Pastoral-Regional Sul II, Pe. Carlos Coruzzi, Representante da CAM; Pe. Raimundo Kroth, SJ, Presidente da AEC de Curitiba.

Através de exposição e dinâmicas de grupo, os assuntos tratados dentro do tema da XII AGO: LIBERTAR PARA A COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO, foram: "A Espiritualidade hoje", por Pe. Cirfaco Bandinu, OSJ. "Alguns elementos para um novo 'enfoque' da Vida Religiosa", por Pe. Pedro Sallet, SJ. Pe. Edmundo apresentou um claro e sucinto relatório da Regional, nos últimos três anos, com seus pontos altos e baixos, desafios e perspectivas.

A Liturgia, dentro do tema, foi muito bem organizada. As prioridades para o próprio triênio foram bastante discutidas nos grupos e aprovadas no plenário. Com o desmoronamento da antiga sede da CRB, houve um interesse geral em colaborar para a aquisição de uma nova sede.

Nova Diretoria. Presidente: Pe. Pedro Sallet. Diretores: Pe. Tomás, Irmã Natália, Irmã Teresinha, Irmã Rosa Ada. A posse da nova diretoria ocorreu durante a Missa concelebrada pelos sacerdotes presentes.

CRB — FLORIANÓPOLIS

Realizou-se no Centro de Formação — Lages, nos dias 06, 07 e 08 de outubro de 1980, a XI ASSEMBLÉIA REGIONAL ORDINÁRIA ELETIVA DA CRB/SC com a presença de 89 Religiosos(as) na sua maioria Superiores Gerais e Provinciais ou Representantes, mais Coordenadores Diocesanos de CRB, Representantes Diocesanos, Diretoria, Executivos, Convidados, Presidente da AEC/SC, Equipe Executiva do Regional Sul 4 — CNBB, marcando presença também D. Honorato Piazera, Bispo de Lages e D. Henrique Müller, Bispo de Joaçaba.

Após a Sessão de Abertura e Oração, Pe. Nivaldo José Machado, Presidente da CRB/SC, desdobrou os Objetivos da Assembléia, sendo: 1. Fortalecer a comunhão e participação entre os religiosos de Santa Catarina. 2. Eleger a Nova Diretoria. 3. Propor o Plano de Ação para o triênio 81/83. 4. Aprofundar o tema: "Comunhão, Participação e Inserção".

Os trabalhos transcorreram todos dentro de um clima de responsabilidade, de busca, abertura e questionamentos. Os relatórios apresentados pelo Presidente da CRB/SC, Padre Nivaldo (triênio 1978-1980) e o relatório específico de 1980 das atividades desenvolvidas a partir da última Assembléia, foram analisados e debatidos em grupos. Verificou-se muito esforço em descobrir novos rumos numa dinâmica bastante segura. Na conclusão o Presidente diz que continuam os desafios quanto a:

Formação inicial e permanente do religioso para a inserção na realidade com maior comunhão e participação junto com os pobres. Formação desligada da realidade e povo de Santa Catarina. Tarefa educacional. Tentativa de instrumentalização dos religiosos.

Há perspectivas de maior união de forças das diversas Congregações em busca de mais vida para religiosos e povo.

Após a Assembléia estar a par dos Relatórios da CRB, com seus pontos altos e baixos, desafios e perspectivas; comunicações da CRB/Nacional e suas proposições; comunicações e planos da CNBB Regional com seu projeto em vigor de Igrejas-Irmãs, Saúde; Relatório da AEC/SC e instrumentalizada com as reflexões orientadas por Frei Adelino Gabriel Pilonetto sobre: "Libertar para a comunhão e participação — Vida Religiosa inserida nos meios populares e opção preferencial pelos pobres", temas estudados na Assembléia Nacional, elaborou em grupos as sugestões para o plano trienal 1981-83.

A eleição da nova Diretoria transcorreu dentro de um clima tranqüilo e fraterno apresentando este resultado: **Presidente:** Padre Nivaldo José Machado, Ordem dos Servos de Maria (reeleito). **Diretores:** Frei Luiz Carlos Bortolozzo, OFM. Ir. Ester Ostrowski, Irmãzinha da Imaculada Conceição. Ir. Jandira Bettoni, Franciscana do Apostolado Paroquial, Ir. Maria de Lurdes Gascho, Irmã Catequista Franciscana.

Na última sessão foi revisto o **Cronograma de Atividades** já fixado para este resto de ano e para o ano que vem. Foi estabelecido em todo o Regional, no terceiro domingo de agosto "o dia do religioso".

Numa rápida memória de grupo Pe. Paulo Englert colocou o que foi realizado nos três dias da Assembléia dizendo que foram alcançados os objetivos propostos no início. Pe. Nivaldo agradeceu a todos dizendo que espera contar com o apoio de todos no serviço que reassumiu juntamente com a Nova Diretoria. Em seguida foi celebrada missa de encerramento, durante a qual houve a cerimônia de tomada de posse da Nova Diretoria.

1. **Metas:** PROMOVER — ANIMAR — COORDENAR a vida religiosa em Santa Catarina para realizar a missão da Igreja, pelo anúncio do amor, no espírito de Cristo, em atitude de serviço à humanidade, fazendo com que o Religioso viva como Filho de Deus, Irmão dos Homens e Senhor do Universo.

1.1. **Com relação às pessoas:** Ajudar os Religiosos a se tornarem HOMEM NOVO, liberto e libertador.

1.2. **Com relação às comunidades:** Desenvolver nos religiosos, sobretudo nas comunidades religiosas o espírito comunitário, pelo RELACIONAMENTO e COMUNHÃO.

1.3. **Com relação à sociedade:** Criar condições para que os Religiosos sejam solidários com o povo e Agentes de Transformação da sociedade em que vivem, segundo o EVANGELHO.

SUGESTÕES DE MUDANÇA

1. Deixar mais explícito — libertar para a comunhão e participação.

2. **Com relação à sociedade:** Criar condições para que os religiosos sejam solidários com o povo, tenham coragem de inserir-se nos meios populares como agentes de transformação da sociedade em que vivem, segundo o Evangelho.

I — Formação

01. Que a CRB continue a promover a formação inicial e permanente, contribuindo assim para uma nova imagem da Vida Religiosa e uma nova espiritualidade, pautadas na opção preferencial pelos pobres, segundo a consigna de Puebla: **libertar para a Comunhão e Participação.**

02. Que a CRB/SC incentive e ajude a criação, em nível regional, de cursos tipo CERNE, para religiosos mais novos, assim como cursos para coordenadores de comunidade.

03. Proporcionar nos diversos níveis cursos ou reciclagens e desenvolvam-se outros programas, permanentes ou ocasionais.

04. Despertar nos Religiosos uma consciência mais crítica diante da realidade.

05. Conscientize para o problema da terra, cooperativismo, sindicalismo, leis trabalhistas.

06. Proporcione oportunidade para uma formação política aos religiosos.

07. Continue animado o Projeto "Igrejas-Irmãs", estimulando o Espírito Missionário e apoiar todas as iniciativas que estiverem sendo realizadas nesse sentido.

08. Dê oportunidade à Equipe de Reflexão Teológica e esta busque sugestões na base.

09. Que os religiosos inseridos nos meios populares, enviem relatórios, contendo dados sobre a realidade, para a Equipe de Reflexão Teológica e recebam da mesma temas para reflexão.

10. Organize um estudo sobre o PREV-Saúde e que se dê uma assessoria às Congregações quanto a um redimensionamento da atuação dos Religiosos no setor hospitalar. A partir da CF/81 dar assessoria aos religiosos para terem condições de um trabalho de continuidade e mais qualificado em prol da saúde preventiva.

11. Que se dê continuidade à integração das atividades entre CRB — CNBB e AEC.

II — Juventude e educação

Considerando a prioridade que Puebla dá ao trabalho junto ao jovem, a CRB, em entrosamento com CNBB e AEC, procure proporcionar aos religiosos educadores, assessoria e diretrizes claras para uma prática educativa, que tenha como objetivos uma sociedade mais justa visando a evangelização libertadora.

III — Inserção

Que a CRB continue promovendo encontros em que participem religiosos já engajados para a avaliação e enriquecimento da própria experiência; ajuda na preparação dos que se dispõem a trabalhar de modo mais consciente junto ao povo; dê acompanhamento e assessoria às comunidades inseridas nos meios populares. Em ocasiões de cursos e encontros, que haja oportunidade de partilhar experiências diversificadas de inserção.

IV — Religiosos presbíteros

Diante da pouca participação do religioso presbítero na vida da CRB, principalmente nas regionais, e diante do perigo de perder a sua identidade como religioso, por causa do ministério sacerdotal, propomos que a CRB faça séria reflexão sobre a identidade do sacerdote religioso e sua missão específica na Igreja.

Observações

1. São múltiplas as causas da não participação dos religiosos presbíteros nas programações da CRB. Que este assunto seja estudado junto aos Bispos e Provinciais, na reunião da CRB/SC em março.

2. As causas do sacerdote religioso perder sua identidade são mais profundas do que a do exercício do ministério sacerdotal. Pedimos maior aprofundamento.

CRB — FORTALEZA

Realizou-se de 10 a 12 de setembro do corrente ano de 1980, a Assembléia Geral Eletiva da CRB Regional, Fortaleza. Como de costume, as reuniões tiveram lugar na Casa de Oração N. Sra. do Cenáculo, à Av. Bezerra de Menezes, 1181, Fortaleza. Além da presença de toda a Diretoria cessante, contou com a participação do Pe. Dionísio Schiuchetti, representante da CRB Nacional.

A Assembléia foi enriquecida também, com o comparecimento de Sua Emcia. Dom Aloísio Lorscheider que contribuiu com sua valiosa palavra, em dois pronunciamentos: um, na abertura, refletindo sobre: "O que a Igreja Particular espera dos Religiosos". (Esta palestra encontra-se arquivada na Regional). O outro pronunciamento foi no encerramento. Nesta ocasião, suas palavras foram de incentivo à "Comunhão e Participação", tema central da Assembléia. Além disso, lamentou que nem todos os Superiores Maiores estivessem presentes. Demonstrou, entretanto, sua alegria pela informação dada pelo Pe. Dionísio, com relação à harmonia existente entre CRB e CNBB. Participou também, das reuniões, o atual Sub-Secretário da CNBB NE. I, Pe. Marcelino Sinwiski, chegado há pouco tempo, ao Nordeste.

A Assembléia contou com a participação de 63 Religiosos de Congregações, entre os quais, 4 Superiores Maiores, 18 delegados, 13 convidados especiais, 7 Representantes de Núcleos e 15 representantes de Setores. Além destes, o Assessor, Pe. Fred, SJ, que desenvolveu o tema da Assembléia Nacional: "Libertar para a Comunhão e Participação", enfocando também, os subtemas: "Opção preferencial pelos pobres". "Opção pelos jovens". "Inserção nos meios populares".

Diretoria Nova. Sendo eletiva esta Assembléia, reservaram-se os dois primeiros dias para estudos e reflexões tendo ficado o terceiro dia para a eleição. Este é o resultado das eleições: **Presidente:** Pe. Paulo Turley, CSSR. Primeiro-Vice-Presidente: Irmã Josélia Parente, Missionárias Capuchinhas. Segundo-Vice-Presidente: Irmã Leonilda Ximenes Aguiar, FSA. Diretores-Conselheiros: Irmã Maria Veleda Leão, Religiosa do Cenáculo. Irmã Sonja de Castro e Silva, Missionária de Jesus Crucificado. Irmão Alberto Miranda, Marista. Secretária Executiva: Irmã Maria Nazareth de Lima Teixeira.

Proposições aprovadas

1. Para atender à formação inicial e permanente, a CRB ofereça oportunidade para o cultivo da vida interior e preparação dos religiosos, através de: a) cursos específicos e, especialmente nas férias, de caráter intensivo; b) dias de reflexão, experiências de oração e retiros intercongregacionais; c) encontros dos diversos setores.

2. Que seja dada atenção especial ao setor de saúde e sejam promovidos cursos (inclusive de medicina preventiva, para as Irmãs das Pequenas Fraternidades).

3. Que a CRB incentive a sua equipe de reflexão a ficar à disposição das comunidades por ocasião de retiros, encontros e manhãs de formação.

4. Que a CRB, num trabalho conjunto com a AEC, ajude os religiosos que se

dedicam à educação a reencontrar o sentido de sua vocação de educadores e o de suas obras.

5. Que a CRB ofereça elementos de conscientização e questionamento aos Superiores Maiores, coordenadores locais e demais religiosos sobre o valor evangélico da justiça social.

6. Que a CRB dirija apelos aos Superiores Maiores dos membros engajados nas suas Diretorias, no sentido de não os transferir durante o período de sua gestão, a fim de evitar a quebra da consecução dos seus objetivos.

7. Que a CRB, como já o fazem algumas Dioceses, incentive os Colégios a aceitar uma comunidade do meio popular como Comunidade-Irmã.

8. Que seja dada atenção especial à formação da consciência crítica dos religiosos à luz do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja.

9. Que a CRB reconheça, estimule e acompanhe a Equipe de Coordenação e a vida das Pequenas Fraternidades Inseridas no meio popular.

10. Que a CRB organize uma equipe para dinamizar o setor de Pastoral de Juventude a nível de forania.

11. Que a CRB descubra novas formas de comprometer os Superiores Maiores residentes neste Regional, a fim de assegurar suas presenças nas Assembléias da CRB e Diocesanas de Planejamento Pastoral.

12. Que a CRB coordene e anime os movimentos vocacionais, apresentando planos de ação e unificando os objetivos, procurando atingir também os Núcleos, através de troca de experiências, oferta de subsídios e pistas para uma real formação.

13. Que sejam revitalizadas as reuniões bimestrais e que haja uma seqüência nos temas de estudo.

14. Que a CRB Regional de Fortaleza seja insistente em convidar as diversas famílias religiosas de um mesmo local a que promovam reuniões e encontros de caráter familiar, abrindo caminho a um fraterno e crescente intercâmbio.

15. Que seja dada ajuda financeira às Irmãs de Pequenas Fraternidades para participar de cursos e reuniões.

CRB — GOIÂNIA

Data: 3 a 5 de novembro de 1980. **Participantes:** Compareceram cerca de 50 religiosos entre provinciais, seus representantes bem como representantes dos 12 núcleos. O Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos e o Bispo de Ipameri, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, compareceram como convidados especiais. **Temário:** Vida Religiosa no Brasil e nas Igrejas Particulares, foi explicitado por Dom Fernando Gomes dos Santos.

Dinâmica dos trabalhos. Além da exposição feita em plenário, realizaram-se vários trabalhos em subgrupos. Os relatórios dos subgrupos foram debatidos em plenário.

Relatório da Regional. O Diretor-Presidente fez um relato das atividades da Regional no último triênio. Juntamente com o Relatório do Presidente, foram apresentados Relatórios sobre Pastoral da Saúde, Noviciado Intercongregacional, Formadores e Pastoral Vocacional.

Liturgia. A equipe que preparou a Assembléia com muito esmero preocupou-se com a preparação da liturgia. Todos encontraram na pasta, folhas mimeografadas, próprias para a liturgia do dia: louvor da manhã, louvor da tarde, celebração eucarística. Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, Bispo de Ipameri, foi o celebrante da Eucaristia de encerramento.

Avaliação. A Assembléia realizou-se num clima de grande fraternidade, es-

piritualidade e reflexão. Os participantes, todos em regime de Internato, tiveram o ensejo de uma integração maior e um relacionamento mais amigo. Acredito que os objetivos da Assembléia foram alcançados. A vida religiosa incentivada durante os três dias seguramente irá crescer na linha da comunhão e participação.

Conclusões

01 — **FORMAÇÃO.** a) A Assembléia propõe que CRB-Goiânia continue nesta prestação de serviços por meio de CIT, PRAVIR, TEOVIR, Noviciado Intercongregacional, Retiro Intercongregacional, Encontros de formação, revisando continuamente conteúdo e métodos em consonância com o lema de Puebla: "Libertar para Comunhão e Participação". b) Propõe também que a CRB, ao promover encontros regionais, programe o encontro a partir de cada realidade, solicitando sugestões e participação ativa dos agentes religiosos das Dioceses em questão. c) Que a CRB dê apoio e incentive a reativação dos núcleos sub-regionais e a partir daí ouvir as bases.

02 — **JUVENTUDE E EDUCAÇÃO.** a) Propõe que a CRB promova um entrosamento com a AEC e CNBB, para um melhor entendimento com os que trabalham na Pastoral de Educação, evitando ações paralelas e questionar a não aprovação do ensino religioso nas escolas públicas. b) Que haja encontros entre CRB e CNBB para um trabalho mais engajado, promovendo estudo/reflexão sobre a pastoral da Juventude.

03 — **INSERÇÃO — CRB/CNBB.** Propõe que haja **conjugação de forças,** CRB/CNBB dos trabalhos de base já existentes, nas Igrejas Particulares, em sintonia com as **OPÇÕES** da Igreja **HOJE** na América Latina e Brasil.

04 — **PASTORAL VOCACIONAL.** Propõe que a PASTORAL VOCACIONAL se estenda por toda a regional. Haja comunicação da base com a equipe da CRB e da equipe com a base. Que sejam promovidas reuniões para os religiosos engajados na PROMOÇÃO VOCACIONAL DAS DIOCESES E PARÓQUIAS.

05 — **SAÚDE.** Que a CRB regional incentive mais a área de Saúde: a) Organizando cursos nas diversas regiões. b) Divulgando as propostas e experiências concretas recolhidas nas "NOTÍCIAS" da CNBB. c) Integrando mais a pastoral da saúde com a Pastoral Indígena e da Terra.

06 — **IFITEG.** Pede maior divulgação do IFITEG (Instituto de Filosofia e Teologia) e delega à Diretoria da CRB a iniciativa de incentivar Superiores Maiores das Congregações a assumirem a realização dos Objetivos do mesmo.

07 — **ASSEMBLÉIAS REGIONAIS DA CRB.** a) Insistir para a participação dos Superiores Maiores nas Assembléias da CRB ou que os delegados destes venham devidamente credenciados para responderem pela província... No entanto, os Superiores Maiores sejam informados com antecedência sobre os assuntos mais importantes. b) Nas Assembléias haja o tempo necessário para permitir maior aprofundamento dos assuntos.

I ENCONTRO DE CETEPISTAS MINEIROS

Nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 1980, realizou-se em Belo Horizonte, na Casa de Retiros São José, o I ENCONTRO DOS CETEPISTAS MINEIROS. Como objetivo colocou-se: POSSIBILITAR O REENCONTRO DAS PESSOAS E UMA RECICLAGEM NA LINHA CETEPISTA. Participaram do mesmo os se-

guintes CETEPISTAS: I — Ir. Juliana F. Verbist; Ir. Vera Garabini. II — Ir. Clélia de Oliveira Fernandes, Ir. Maria Rinaldi. III — Ir. Maria Rogai. IV — Ir. Isabel Maria Pinto. VI — Irmão Ladislau Figueiredo; Irmão Gilles Ferland; Ir. Ercy Baieuse Fonseca. VII — Irmão Zeferino Falchetto; Pe. Paulo Dias; Ir. Ivony Grondo; Ir. Aurora Côgo. VIII — Irmão Batista Santos; Ir. Maria Sérgia Rocha; Ir. Odile Kloet; Ir. Rosa de Lima Pereira; Ir. Maria Paulina; Ir. Conceição A. Schmidt. IX — Ir. Zely de Paula; Ir. Icó Haibara; Pe. Antônio Henrique Gructers; Ir. Vera do Carmo Andrade.

A PROGRAMAÇÃO aconteceu num clima de muita fraternidade, busca e entusiasmo. Dia 20 — Dinâmica de Entrosamento e Tempo Forte de Oração. Dia 21 — Tema: CAMINHADA PÓS-CETESP (manhã). (À tarde) Estudo e Análise do Livro: "AS GRANDES RUPTURAS SÓCIO-CULTURAIS E ECLESIAIS" de J. B. Libânio com exposição do tema, estudo e plenário.

Dia 22 — Marcaram presença em nosso meio o Revmo. Pe. Ivo Pedro Weber, SJ, Diretor do CETESP e Pe. Antônio B. Pates. Ambos nos enriqueceram com a apresentação do Tema: "SERVIR A IGREJA NA FIDELIDADE AO CARISMA". Sob o mesmo tema tivemos um tempo forte de Oração Pessoal e em seguida cada um pode partilhar a sua EXPERIÊNCIA DE DEUS com o grupo. Padre Ivo deu-nos sua palavra de incentivo e exortou-nos a acolher os grandes apelos do Senhor colocando o nosso carisma pessoal a serviço da Igreja. Concitou-nos ainda ao cultivo pessoal a nível da fé, aprofundamento da oração e do serviço. Só assim poderemos ser multiplicadores em nossa Congregação e dentro de uma Igreja que exige de nós COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO.

Com a celebração Eucarística muito bem participada encerramos nosso ENCONTRO DE CETEPISTAS, dando graças a Deus na esperança de prosseguirmos a caminhada na dimensão da FÉ-AMOR-DOAÇÃO.

Ir. Conceição A. Schmidt
Belo Horizonte, MG

ENCONTRO DE CETEPISTAS — RIO GRANDE DO SUL

Para refletir o tema: "Como vivemos a nossa missão hoje?" (tendo como pano de fundo, Puebla), se reuniram, em Garibaldi, RS, nos dias 16 a 19 de outubro os CETEPISTAS Gaúchos.

Éramos 25 a 30 pessoas, vindas de todo o Estado, um ou outro de SC, PR ou São Paulo. A CRB Nacional já realizou nove cursos do CETESP (Centro de Espiritualidade e Teologia da Vida Religiosa — de 4 meses cada) e de cada turma houve, ao menos, um representante.

O tema da reflexão foi colocado pelo Irmão Nilson Ronchi, de Ponta Grossa, PR. A sua colocação, em grandes pinceladas, foi esta:

1. Que IMAGEM somos? Transmitimos?

2. Que VIDA temos? Testemunhamos?

3. Como CONVIVEMOS?

4. Como SERVIMOS?

5. A que APELOS devemos responder hoje? E, em grupos: Quais os IMPEDIMENTOS PESSOAIS para responder aos apelos de Jesus Cristo hoje? Como conclusão, no final dos três dias, cada qual assumiu uma atitude prática que será "cobrada" no encontro de 1981.

Além dessa reflexão, tivemos tempo para sentar-nos em roda de amizade e conversar sobre a alegria do reencon-

tro, sobre os nossos avanços e recuos desde que fizemos o curso. Houve momentos fortes de oração pessoal e comunitária para perceber, em maior profundidade, os novos apelos da nossa caminhada.

À tarde do dia 18, estiveram conosco o Pe. Ivo Weber, da Coordenação Nacional do CETESP (Rio) e o Pe. Antônio Pates. Ambos frisaram a importância deste encontro realimentador, uma vez que devemos ser multiplicadores de vida em nossas congregações. Apelaram para o cultivo pessoal, para a oração e atualização permanente. Depois nos colocaram o projeto CETESP e CERNE da programação nacional da CRB para 1981 e as razões das modificações.

Já programamos o encontro para 1981. Coordenação Geral: CETEPISTAS de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Local: Passo Fundo (a confirmar). **Objetivos gerais:** (1) Manter vivo o processo de conversão iniciado no CETESP. (2) Realimentar a identidade Cetepista. (3) Conviver, partilhar e alegrar-se no Senhor. **Objetivos específicos:** (1) Rever os apelos assumidos no encontro de 1980. (2) Estudar um tema sobre a vida comunitária. (3) Oportunizar um tempo de oração orientada. Temas: Comunhão e participação. Orientador: a confirmar.

Enfim, foi um encontro de irmãos para ratificar a nossa fé no seguimento de Jesus Cristo em nossas comunidades.

Irmã Maria de Lourdes Urban
Garibaldi, RS

III SEMINÁRIO DE SAÚDE

Seguindo sua agenda de 1980, o G.T.S. Nacional levou a efeito o **III Seminário de Saúde,** de 17 a 21 de outubro/80, no Rio de Janeiro. Para ele foram convidados três representantes de cada Regional/CRB, atuantes na área da Saúde e alguns especialistas. "SAÚDE POPULAR UM DESAFIO AOS RELIGIOSOS", foi o **tema básico** da reflexão proposta e para auxiliar os participantes foram apresentados alguns **subtemas** tratados pelos assessores: Puebla, saúde, VR; Problemas demográficos e aspectos éticos; Política da saúde; Autogestão da saúde; Formação de agentes de saúde.

Houve rica partilha de experiências que os religiosos vêm desenvolvendo no campo da saúde, com a conseqüente promoção humana. Os critérios estabelecidos para a apresentação dessas experiências foram os seguintes: 1. Ressaltar a expressão da VR. 2. Ter aspecto pastoral. 3. Contribuir para a promoção da saúde comunitária e dos novos enfoques da saúde.

A **dinâmica** do Seminário comportou largo tempo de trabalho em grupo, alguns plenários para comunicação da reflexão e muita troca de experiências o que garantiu o aspecto prático e operacional que se reflete nas Conclusões do último dia, como seguem.

Prioridades

Considerando que a situação sócio-econômica e política do país é uma situação de opressão, e tendo como princípio as linhas de Puebla e os apelos do Espírito Santo que age em cada um de nós, propomos:

1. Conscientizar as Congregações para que assumam a problemática da Saúde, dando prioridade à Educação popular, numa linha libertadora.

2. Evitar o paralelismo com as obras governamentais, mas cobrar os serviços que ao governo compete realizar.

3. Avaliar e reformular as obras hospitalares, numa linha de transformação evangélica.

4. Continuar a preparação dos agentes de pastoral de Saúde, para que eles orientem o Povo para assumir a autogestão de sua saúde.

5. De acordo com os "novos enfoques de saúde" hoje, impedir a sofisticação dos hospitais tão incentivada pelas multinacionais e que nas Instituições hospitalares haja a padronização dos medicamentos.

6. Levar o Povo ao conhecimento e uso adequado de ervas medicinais.

7. Despertar as famílias para a paternidade responsável e planejamento familiar, mediante o conhecimento e uso correto dos métodos naturais.

Urgências

1. Como pistas urgentes de ação no campo da saúde, sentimos em primeiro lugar a necessidade de uma conversão pessoal mais profunda, no sentido de captarmos os sinais dos tempos e apelos de Deus através de: oração encarnada; vida fraterna; missão que levem a um testemunho pessoal e comunitário.

2. Revisão comunitária e Congregacional sobre as estruturas de trabalho junto ao Povo, e na Igreja local.

3. A formação, tanto dos religiosos, como dos agentes e profissionais de saúde, seja mais voltada para o aspecto libertador do homem.

4. Seja levado ao conhecimento dos profissionais de saúde, e Provinciais, o conteúdo deste seminário.

5. Que se leve a população a participar das decisões a serem tomadas na área da saúde, para que melhor possam assumir e conscientizar seu compromisso. Caminhar com o Povo, sem querer conduzi-lo.

6. Ter senso crítico para descobrir as prioridades nos postos de vanguarda, para onde pouca atenção é dispensada.

7. Orientar o povo para que se liberte da dependência dos medicamentos e efeitos perniciosos de muitos deles.

8. Sobretudo a partir da C.F. 81, tratar os deficientes físicos como Pessoas que merecem nosso respeito e atenção.

9. Aproveitar-se do "O domingo", da semana do enfermo, semana da enfermagem, dia do médico, para momentos fortes de evangelização no campo da saúde.

10. Que o religioso e cada comunidade religiosa crie possibilidade de promoção integral de sua própria saúde.

11. Levar à mudança de mentalidade, a respeito de vida sexual e conjugal, dos papéis do homem e da mulher, superando o machismo. Educação no sentido amplo do tema, inclusive evangélico e libertador.

O Seminário reuniu 35 participantes das Regionais: Elisabeth Plattner — Miss. Servas do E. Santo — MACAPÁ/T. F. Amapá. Zilda Paranahyba de Andrade — Dominicana — MARABÁ/PA. Lúcia França Fonseca — Clarissas Franciscanas — PRUDENTE DE MORAIS/MG. Maria Bueno Bruzzi — Filhas da Caridade — BELO HORIZONTE/MG. Maria de Lourdes Araújo — Filhas de Sant'Anna — MACHADO/MG. Julita Martendal — Franciscanas de S. José — CURITIBA/PR. Rainilda Schmitz — Franciscanas de S. José — PIRAQUARA/PR. Verônica Tartas — Filhas da Caridade — PARANAGUÁ/PR. Inez Maria Oro — Salvatorianas — FLORIANÓPOLIS/SC. Marli Comachio — Irmãzinhas da I. Conceição — NOVA TRENTO/SC. Ottile Hammes — Fraternidade Esperan-

ça — FLORIANÓPOLIS/SC. Antônia Petschenig — Servas do Espírito Santo — TOCANTÍNIA/GO. Maria das Mercês Araújo — Filhas da Caridade — GOIÂNIA/GO. Matildes Silva — Filhas da Caridade — GOIÂNIA/GO. Blanca Délia Diaz Rodriguez — Franc. Missionárias de Maria — MANAUS/AM. Catarina Pereira de Figueiredo — Servas de Ma. Reparadoras — XAPURI/AC. Flávio Martinez de Oliveira — Médico e Teólogo — PORTO ALEGRE/RS. Irma Toniolo — Imaculado Coração de Maria — GRAVATAÍ/RS. Lydia Susana Birck — Franc. da Penitência e C. Cristã — PORTO ALEGRE/RS. Ana Eunice Menezes Jacqmont — Filhas de Sant'Ana — RECIFE/PE. Celeste Maria Ribeiro — Filhas do C. I. de Maria — SANTA RITA/PB. Erminia Maria de Lima — Franciscanas de Dillingen — RECIFE/PE. Ana Maria Waldmüller — Franciscanas de Dillingen — DUQUE DE CAXIAS/RJ. Dulce Bastos — Santa Catarina V. M. — PETRÓPOLIS/RJ. Esther de Almeida Neves — Filhas da Caridade — RIO DE JANEIRO/RJ. Maria do Carmo Leal — Filhas da Caridade — RIO DE JANEIRO/RJ. Bernadete Epaminondas Irmãos — Fraternidade Diocesana — ILHÉUS/BA. Italvina Elisabetta Toniolo — Irmãs do I. C. de Maria — URUÇUCA/BA. Rosina Volpato — Irmãs Franciscanas de São José — SENHOR DO BONFIM/BA. Antônio Cambron — Padre Secular — SÃO LUÍS/MA. Maria Del Pilar Rodriguez Berbegal — Franc. Missionárias de Maria — SÃO PAULO/SP. Maria Ottlia Meinerz — Missionárias Servas do E. Santo — SÃO PAULO/SP. Maria Ribeiro de Sá — Filhas da Caridade — SÃO PAULO/SP. Orminda Santana de Oliveira — Filhas da Caridade — TERESINA/PI. Johanna Petronella Ketelaar — Irmãs da Providência — GARANHUNS/PE.

Cinco Assessores e Conferencistas: Ana Alves da Rocha — Filhas da Caridade — CAMPINA VERDE/MG. Cleto Caliman — Salesiano — BELO HORIZONTE/MG. João Batista Magro — Professor da UFMG — BELO HORIONTE/MG. José Eduardo Augusti — Padre e Coordenador Geral do I.P.P.H. LINS/SP. Maria Alice Bernard Robbe — Providência de Gap — ITAJUBÁ/MG.

Foi coordenado pela equipe do G.T.S. Nacional que o preparou com muito empenho e esteve todo o tempo à disposição dos participantes: Augusta Virgem de Souza — Filhas de Santana — CAMPINAS/SP. Júlio Serafim Munaro — Camilianos — SÃO PAULO/SP. Maria Gabriela Alvim — Irmãs de S. Catarina V.M. — TERESÓPOLIS/RJ. Martha Silvia Bhering — Filhas da Caridade — SÃO PAULO/SP. Maria Olímpia Magalhães Nogueira — Providência de Gap — BELO HORIZONTE/MG. Amália Garcia González — Franciscanas Miss. de Maria — BELO HORIZONTE/MG.

O clima deste Seminário bem como os resultados revelaram o quanto os religiosos, fiéis a seu carisma próprio, engajado na missão a serviço da Pastoral da Saúde, crescem em fraternidade, tornam-se capazes de integrar esforços para responder aos apelos do momento atual e, numa inserção muito consciente testemunham o REINO que se expressa no serviço aos mais pobres e sofredores.

CURSO RUEDA

Mais uma vez o Irmão Basílio G. Rueda, Superior Geral dos Irmãos Maristas, aceitou de prestar sua apreciada colaboração à CRB, ministrando de 12 a 19 de setembro/80, mais um Curso sobre PROJETO DE VIDA COMUNITÁRIA, do qual participaram 170 religiosos e religiosas provenientes de quase todos os

Estados. Passamos a palavra a um participante que expressará o que foi o Curso Rueda:

Era o dia 11.09.80!... Na Rodoviária do Rio, vários religiosos vindos de diversos pontos do País, se encontram na plataforma da Empresa Pedro Antônio para formar quase uma lotação completa do ônibus das 14,30h com destino a Mendes/RJ — Fazenda das Paineiras — Casa dos Irmãos Maristas.

Aos poucos foram chegando grupos diversos e, à noitinha, já nos encontrávamos todos os 170 participantes na acolhedora e agradável Fazenda que nos abrigou por oito dias inteiros para o Curso Rueda. 56 Congregações diversas, através de Provinciais, Formadores ou Elementos-chave, fizeram a caminhada de 11 a 19 do corrente. Foi realmente uma caminhada!... E, em que consistiu ela? Que é o Curso Rueda? É um curso mais vivencial que intelectualista, mais experimental que teórico. Exposições, reflexão pessoal e grupal (eram 10 grupos), uma verdadeira Escola de Oração onde as mais variadas formas de rezar foram aplicadas e a grande maravilha da força da PALAVRA DIVINA se fazia sentir em cada ambiente notando-se um crescer marcante de cada pessoa, individual e grupalmente falando.

O conteúdo?... Alicerçado pelo pedestal da fé, do amor, da oração, e do louvor, Irmão Basílio Rueda falou mais alto com sua presença amiga, serena e segura do que mesmo com seus profundos conceitos e convicções partilhadas. De um participante ouvi: "Só a presença do Ir. Rueda valeu o curso; o curso é antes, testemunho, vida transbordante que tudo o que recebemos por escrito"...

E os dias se sucedem numa atitude de busca, de escuta, de diálogo, de oração e de fraternidade, numa programação intensa, porém fecunda, numa dinâmica cansativa, frutífera, num clima de questionamento, porém de profunda serenidade.

Resta agora que, nós, participantes do Curso de Projeto de Vida Comunitária, o conhecido Curso Rueda, levemos para nossa comunidade, nossa Província ou nosso campo de ação, pistas bem concretas para continuarmos essa caminhada em busca de "metas comuns", a presença visível da Trindade através de nós, "sinais vivos" do Reino de Deus entre os irmãos.

Do mais profundo do nosso ser, um "muito obrigado" ao Irmão Rueda pela rica e preciosa partilha que fez conosco; à CRB por no-lo ter proporcionado. Saímos daqui mais fortes e mais dispostos para construir nossa VR sobre os alicerces da Fé e do Amor, para que nossas Comunidades Religiosas sejam verdadeiros sinais de Unidade e de Deus presente entre os homens. Um participante.

Colhendo expressões na Avaliação final dos participantes:

— Um curso notável. Rico de conteúdo teológico, experiências de oração, vivência fraterna.

— Conteúdo riquíssimo, bem dosado, possível de ser entendido e assimilado por todos. Respeito à liberdade pessoal. Orientação segura. Reflexo de profundo amor à Vida Religiosa.

— Foi uma luz... uma presença... uma tomada de consciência... um retorno às fontes.

— Foi uma oportunidade de renovação pessoal, além de um desafio muito grande para uma melhor vivência tanto pessoal como comunitária.

— Ajuda a entrar numa dinâmica renovada da V.R. Apreciei a parte prática e concreta de como aplicar a teoria.

— Achei as respostas que buscava para os problemas pessoais e comunitários.

— Muito positivo, principalmente a valorização da oração quer na prática, quer nas exposições.

— Foi exigente, questionante, deu pistas concretas.

— O curso é rico, consistente, oportuno, mesmo necessário. Fez-me muito bem.

— Ambiente intercongregacional excelente, descontraído. O conteúdo de grande valor e bem motivado. Irmão Basílio é humano, realista, autorizado a falar sobre o assunto, tem conhecimento de causa, tem dados concretos da situação atual.

— Excelente, oportuno, adequado aos destinatários. Maravilhoso compêndio sobre V.R. levando todos a valorizar mais e mais a graça de sua vocação e não poupar esforços para revitalizá-la.

— Foram marcantes: o equilíbrio, a segurança, a firmeza do expositor. Senti pacificadas dúvidas e inquietações.

— O curso foi rico em seu todo, dando-me uma visão bem clara de como deve ser feito um projeto de vida comunitária, baseado na oração, na fraternidade, no amor.

— Seria uma "GRAÇA" para toda a V.R. brasileira se este curso fosse aplicado às comunidades em toda sua extensão e riqueza.

— Autêntico apelo aos Religiosos do Brasil para continuar, de maneira segura, o processo de Renovação da Vida Consagrada Comunitária.

AS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

As Irmãs do Instituto do Sagrado Coração de Maria (Sacré-Cœur de Marie) realizaram seu 16º Capítulo Geral, em Roma, nos dois últimos meses de julho e agosto de 1980. Esse Capítulo que reuniu as Irmãs representantes dos 16 países onde as Religiosas desenvolvem sua missão, teve como principal objetivo o estudo e reformulação das Constituições do Instituto e a eleição dos novos membros do Governo Geral.

Após longos dias de intensos trabalhos capitulares, foi eleita **IRMÃ MARY MILLIGAN** para assumir o governo geral do Instituto, no próximo qüinqüênio, em substituição à Irmã Maria de Lourdes Machado, brasileira, que terminara seu mandato. Irmã Mary Milligan, de nacionalidade americana, tem 45 anos de idade e é doutorada em Espiritualidade, pela Universidade Gregoriana de Roma, tendo sido também a Coordenadora da Comissão Internacional de estudos das novas Constituições do Instituto.

No Brasil, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria (Sacré-Cœur de Marie) cumprem sua missão apostólica, em sete Estados, dedicando-se à Obra Educativa e diversos ministérios assistenciais e promocionais, nas linhas da Igreja de hoje. A Casa Provincial acha-se estabelecida no Rio de Janeiro, na Rua Odílio Bacelar, 6 — Urca e tem sua Casa de Formação em Belo Horizonte, na Rua Pio X, 275 — Ipiranga.

DOM ORIONE, BEM-AVENTURADO

Dia 26/10/1980 foi a beatificação de Dom Orione. É o reconhecimento oficial por parte da Igreja da autenticidade cristã da vida e da atuação de Luís Orione, o sacerdote que uniu num só amor o serviço dos mais pobres, a batalha pe-

las causas populares e a paixão pela Igreja e seus pastores, na sua missão e nos seus filhos mais pequenos.

Os contemporâneos e o biógrafos deram e dão os mais variados nomes: Pai dos pobres, benfeitor da humanidade, Bandido de Deus, padre dos que não vão à Missa, Homem dos impossíveis, louco da caridade... e ele mesmo gostava de apelidar-se o Burro de Carga dos pobres e de Deus.

A ficha pessoal

João Luís Orione nasceu em Pontecurone, na Itália, aos 23/06/1872. Vítor era seu pai, foi soldado e calceteiro de ruas, homem de tendências socialistas; Carolina, a mãe, dona de casa e lavadeira, era mulher fortemente religiosa e enérgica. Garoto, Luís Orione entrou para o Seminário; foi demitido por causa de saúde, mas conservou sempre semelhanças com Francisco de Assis. Foi aluno de Dom Bosco em Turim e saiu de lá marcado definitivamente pela ânsia apostólica do grande Amigo da Juventude que ele sempre considerou como Pai.

Aos 18 anos entrou para o Seminário diocesano em Tortona; não passava de um rapaz quando começou decididamente o apostolado que o faria cada vez mais conhecido, admirado, respeitado, suspeito, amado e incompreendido por gente de todas as condições. Arrastou para sua obra de evangelização e para sua luta pelos mais pobres e para o serviço dos mais necessitados uma corrente heterogênea de seguidores: religiosos, livres pensadores, homens da Igreja, intelectuais socializantes, gente do povo, líderes influentes e tipos mais variados que passaram a considerá-lo como Pai, líder, inspirador e mestre em tudo ou em algum sentido.

Transferiu-se para a América Latina onde viveu três anos. Demorou-se alguns meses no Brasil entre Minas, Rio e São Paulo. Entre nós encaminhou obras de amparo a órfãos e menores abandonados, centros de evangelização popular e de formação profissional. Sua primeira preocupação foi com a pastoral vocacional com o fito de preparar apóstolos locais. Desenvolveu seus planos juntamente com Dom Silvério, arcebispo de Mariana, para a fundação religiosa de negros.

Faleceu aos 12/03/1940 em Sanremo, na Itália.

Fundador e Apóstolo

A posição de Dom Orione é a do homem de Deus que engloba o amor à Igreja e a consagração ao serviço dos mais pobres e sofredores numa só meta. Ele sonha com a volta de Cristo: a Igreja guiará e iluminará os homens; não há de ser um domínio mas um serviço de redenção dos humilhados. É uma voz profética: "Vejo o Cristo que volta, vivo com os vivos; Ele acode ao grito dos povos, traz no coração a Igreja e nas mãos as lágrimas e o sangue dos pobres, a causa dos aflitos e dos oprimidos."

A paixão de Dom Orione pela Igreja, instrumento de Deus para a redenção dos povos, leva-o a posições corajosas expressas em palavras e fatos: "Nascidos nestes tempos de novos perigos, não cessamos nunca de dar ao mundo exemplos de afeto, de obediência inteira e de amor à Igreja e ao Papa." "Vemos no Papa o próprio Cristo e na Igreja a esposa mística de Cristo, a obra e o reino visível de Cristo sobre a terra". "Com nosso holocausto pela Igreja e pelo Papa, queremos atrair os pobres, os pequeninos e as massas trabalhadoras. Queremos unir todos em Cristo".

Os fatos iluminam as palavras. Em 1919 situações de injustiça social estouravam no após-guerra turbulento. Dom Orione há anos participava da mobilização em favor da ação da Igreja

pela criação de "ligas" camponesas para a defesa das populações exploradas. É desse modo a mensagem aos trabalhadores e trabalhadoras das plantações de arroz. Dom Orione lança-se na defesa das vítimas da exploração, apóia a luta pelas oito horas de trabalho e por condições humanas e sanitárias melhores, e conclui: "Proletariado do arroz, de pé! Abre os olhos e vê a aurora! Toda corrente de opressão deve ser despedaçada. Toda exploração deve ser acabada, para sempre. Proletariado do arroz, de pé, é a tua hora".

E não satisfeito de participar da luta e denúncia contra a opressão e pela criação da justiça ele antecipa-se, criando congregações para homens: **A Pequena Obra da Divina Providência**; e para mulheres: **As Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade** que atuem no campo social amparando os necessitados.

A Mística da fé e do amor

A atividade de Dom Orione atingia quase todos os campos. Uma lista das obras indicadas para os seus religiosos estende-se por várias páginas e termina em reticências. A acusação mais freqüente que lhe moviam era a de louco e confusionário.

Para entendê-lo só olhando por dentro. A alma é a de um contemplativo. Um místico do século X. Um grande orante que perdia-se em Deus em noitadas diante do Tabernáculo, na contemplação da natureza, e até mesmo nos bancos de trens de suas constantes viagens. Além de religiosos de vida ativa, fundou também o ramo dos eremitas e das adoradoras cegas. Dizia de si mesmo que se atendesse aos impulsos pessoais seria ele mesmo um eremita.

Nele estavam juntos a fé e o amor. É o que expressam muitos trechos de seus escritos como estas linhas que bem retratam sua vida interior: "Devemos ser uma profunda veia de espiritualidade mística que se insinue por todos os estratos da sociedade; espíritos contemplativos e ativos, servidores de Cristo e dos pobres. Ver e sentir Cristo no homem".

Padre Renato Seano
Belo Horizonte, MG

ANO CENTENÁRIO: 1880-1980
FILHAS DE NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA

Santa Maria Josefa Rossello nasce em Savona (Itália) a 7 de dezembro de 1880. Consagra-se a Deus, quando jovem, atendendo ao apelo do Bispo do lugar, em favor das pobres meninas, carentes de toda cultura. Assim surge a 10 de agosto de 1837, o **Instituto das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia**, em Savona.

Dedica-se à educação das crianças pobres ou de condição afortunada; aos cuidados dos enfermos nos hospitais; à grande obra do Resgate das Negrinhas, que na África eram vendidas nos mercados de escravos, preferindo as mais doentes e defeituosas. Abre a Casa da Providência para a infância abandonada. Ajuda com especial favor os seminários, vendo nos pequenos clérigos o futuro da Igreja.

Sendo a Igreja responsável pela tarefa de difundir o evangelho, o Instituto das Filhas da Misericórdia, fiel à Igreja, na sua profunda exigência de catolicidade e da Santa Fundadora, faz seu problema missionário e se sente empenhado em abrir-se com fé e sacrifícios a novas fundações lá onde, por voz de seus ministros, Deus o chama.

Servir aos irmãos com coração grande e generoso estimar como uma bem-aventurança o sacrificar-se para que todos possam conhecer a Deus, amá-lo e glorificá-lo, é o espírito de nosso serviço apostólico missionário.

Santa Rossello há 143 anos, vivia o espírito de Igreja, hoje, em sua "OPÇÃO PELOS POBRES", pois sua predileção era pelas crianças e jovens mais pobres e abandonadas. Dizia ela: "Oh! se pudesse ter os braços tão longos para abraçar o mundo todo, e levá-lo a Deus!"

Seu desejo torna-se uma realidade com a presença da Congregação em vários países e Continentes, como: Europa, Ásia, África, América do Norte e vários países da América do Sul.

Suas filhas, cheias de fé, intrépidas na esperança, incansáveis, dão testemunho de doação às jovens que não duvidaram em segui-las, para glorificar a Deus e salvar as almas.

Assim a semente torna-se árvore, com seus ramos transpõem os mares, chegam a Argentina, Estados Unidos, Brasil, Uruguai, Chile e Peru. Deus destinara um "SIGNO" para as filhas da Misericórdia, um signo especial: o coração de Santa Madre que tanto palpitou pelos pobres, que tanto amou os americanos, deixou de palpitar na terra, em 7 de dezembro de 1880.

Em 1917, por motivo de processo informativo da Beatificação da Madre Rossello, procede-se ao reconhecimento do cadáver, que é achado intacto. O venerado corpo é novamente revestido do hábito completo e exposto na sala de de trabalho da Comunidade. Logo é levado a um ataúde de Zinco, à capela da Casa Madre. Em 1938: por exigências do processo de Beatificação, a Igreja deu ordem de um ulterior reconhecimento do cadáver. Comprova-se que os órgãos do tórax estão normais e com características próprias. Perante tal fato, procede-se a extração do coração, que parece flexível (Ata 24/938) autenticada pela Cúria do Bispado. O coração conserva o sangue, as mãos do médico se mancham, o músculo se apresenta fibroso. Decide-se conservá-lo num relicário, na Capela da Casa Mãe e o corpo se conserva intacto, numa urna de Cristal na Casa Geral do Instituto à Via Montegrappa nº 7 em Savona, onde pode ser visitado.

A Congregação no Brasil

Morta, há 100 anos, a Santa Rossello vive, hoje, no Brasil, através de suas filhas, que aqui se encontram desde 1926, procurando viver seu carisma de **"Misericórdia"** e o seu lema "CORAÇÃO A DEUS E AS MÃOS AO TRABALHO", atuando em São Paulo (8 casas) — Rio de Janeiro (3 casas) — Paraná (3 casas) — Maranhão (2 casas) e Piauí (1 casa), com as seguintes atividades:

Pastoral educacional: em âmbito escolar e obras sociais. **Pastoral de saúde:** Enfermagem, ambulatórios, Creches. **Pastoral do trabalho:** Clubes de mães, Cursos Profissionalizantes. **Pastoral da juventude:** Comunidade de Jovens e Adolescentes. **Pastoral missionária e vocacional:** Evangelização e Promoção Humana, Catequese para crianças e adultos. **Pastoral de periferia.**

Obrigado Senhor: Pela Santa Madre Rossello. Obrigado Senhor, porque ela foi sempre um SIM. Obrigado Senhor, sem reservas, a Deus se entregou ao Irmão pequeno amparou. Obrigado Senhor, pela grande generosidade de Josefa Rossello, que anelou em seu peito, abrigar multidões de além-mar. Obrigado Senhor.

TEMPOS DE ESPERANÇA

Palestra proferida pelo Cardeal Eduardo Pirônio, Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, durante a XII Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil e dirigida aos Religiosos e Religiosas da cidade do Rio de Janeiro.

Cardeal Eduardo Pirônio
Roma, Itália

Meus caríssimos irmãos,

Minhas caríssimas irmãs:

Quisera saudá-los com estas palavras de São Paulo aos filipenses: "Dou graças ao meu Deus cada vez que de vós me lembro. Em todas as minhas orações, rezo sempre com alegria por todos vós, recordando-me da cooperação que tendes dado na difusão do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. Deus me é testemunha de que eu vos amo a todos com a ternura de Cristo Jesus. E o que eu peço é que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade, a fim de poderdes discernir o que mais convém" (Fl 1, 3-10).

É uma alegria imensa o encontrar-me com tantos religiosos e religiosas de todo o Brasil — quase um continente, situado no meio de um continente de esperança, que é a América Latina. Coração particular de esperança, este Brasil, que o Papa João de Deus visitou há poucos dias e incentivou a construir um mundo novo na esperança.

Por isso, caríssimos irmãos e irmãs, minha palestra desta noite, palestra simples, cordial e aberta, quer ser intitulada "Tempos de esperança", não só porque estamos vivendo num mundo de esperança e num continente de esperança, mas também porque estamos certos de que o Senhor quer que vocês e eu nos comprometamos a caminhar generosa e alegremente na esperança, a ponto de construirmos de fato um mundo novo na esperança.

Aos religiosos do Rio de Janeiro, João Paulo II disse: "Sede fortes na fé, alegres na esperança". E é desta esperança que quero falar-lhes esta noite, com toda a simplicidade. Eu começaria com estas palavras de Jesus, que lemos no Evangelho de São Lucas, capítulo 21, versículo 28: "Quando começaram a acontecer estas coisas, reanimai-vos e levantai vossas cabeças, porque se aproxima a vossa libertação".

E estou certo de que se aproxima esta liberdade integral para a comu-

nhão e a participação que constituem o tema central de reflexão e oração nesta Assembléia da CRB.

João Paulo II tem uma frase que compromete todo o povo de Deus no Brasil; compromete-o na esperança. Ontem à noite, D. Ivo a recordava. A frase se acha no discurso feito em Salvador, Bahia, aos construtores da sociedade pluralista de hoje:

"Irmãos e irmãs: Meus amigos! Não tenhais medo de olhar para a frente, de caminhar para a frente, rumo ao ano 2000! Um mundo novo deve surgir, em nome de Deus e do homem! Não recueis! A Igreja espera muito de vós. Quereis, junto comigo, construir o mundo, elevá-lo, torná-lo melhor e mais digno de vós e de vossos irmãos, que são, os **meus** irmãos? Não frustreis a expectativa de Cristo! Não desiludais as esperanças do homem vosso contemporâneo!"

Estas palavras de João Paulo II, ditas há poucos dias na terra de vocês, os comprometem, queridos religiosos e religiosas do Brasil, a serem sinais de um Deus-Amor, testemunhas da esperança. Que mais se pode dizer da vida consagrada senão simplesmente isto: ela deve ser, dentro do mundo de hoje, sinal de um Deus que nos amou em seu Cristo, de um Deus que quis ficar perto, próximo de nós, em Jesus Cristo, Filho de Deus e filho de Maria? Que mais se pode dizer da vida consagrada senão que seus membros devem ser ardentes, luminosos, ativos construtores de esperança no meio de um mundo que vive desanimado, triste, pessimista, fechado?

Vocês, queridos irmãos e irmãs, é que foram particularmente chamados pelo Senhor, designados pelo Senhor, (nós cantamos isto no princípio), consagrados por ele para transmitir ao mundo uma mensagem de amor, uma profecia de esperança.

"Tempos de Esperança" — assim quero chamar, nesta noite, esta conversa simples, fraterna, cordial com todos vocês. Quisera confirmá-los na esperança, depois que o Papa João Paulo II passou por esta terra abençoada, confirmando seus irmãos e seus filhos na fé. Quisera confirmá-los na esperança. E eu me sentiria imensamente feliz se, depois do encontro desta noite, nossos corações ficassem mais dispostos a responder "sim" ao amor com que Deus nos amou e a serem, diante do mundo solitário e triste, sinais proféticos de esperança.

Quando dizemos "Tempos de Esperança", queremos exprimir duas coisas:

Primeiro: há tempos particularmente difíceis em que é necessário esperar. É urgente, é indispensável esperar. Isto significa que, do coração da cruz pascal, precisamos extrair a esperança.

Vivemos um momento difícil, duro, em todo o continente. Vocês também o vivem do ponto de vista integral: vivem um momento difícil porém, muito carregado da presença por isso que ele é muito carregado do Senhor, da ação do Espírito. É de esperança.

Tempos de esperança são tempos difíceis, que devem ser gradativamente superados pela força criadora da esperança.

Segundo: ao falar de tempos de esperança, quero referir-me também ao fato de que há momëntos especiais para esperar. Não se trata propriamente de um tempo em que esperamos, mas de um tempo em que temos de procurar momentos para esperar; isto é, momentos de silêncio e de oração, de leitura e de reflexão, de reforma e de distensão. Porque vivemos de tal maneira imersos no ritmo e no nervosismo da vida, que necessitamos de silêncio, de contemplação, de serenidade, de reflexão, de repouso, de distensão, para podermos esperar. Quando a vida fica intensamente agitada, podemos perder a capacidade de esperança, podemos perder a capacidade de esperar. É por isso que precisamos ir um pouco para o deserto, e, principalmente, plantar o deserto em nosso interior, fazer um espaço de solidão onde o Deus da serenidade, da paz, da tranqüilidade, nos reconforte e nos ajude a prosseguir o caminho da luta e o caminho da esperança comprometida. Recordando aquele episódio tão belo do Primeiro Livro dos Reis, vemos que o profeta Elias, desesperado, se internou no deserto, fugindo da perseguição do rei e da rainha; depois, sentiu-se cansado, deitou-se debaixo de uma árvore e clamou pelo Senhor: "Basta, Senhor, não agüento prosseguir mais. Manda-me a morte." E o Senhor, por meio de seu anjo, aproximou-se dele e disse-lhe: "Levanta-te, come e bebe, porque ainda te falta um longo caminho a percorrer." E Elias caminhou pelo deserto até chegar ao monte do encontro, onde o Senhor se manifestou a ele não em meio ao ruído, à tempestade ou ao fogo. Manifestou-se a ele mediante a brisa suave. Elias encontrou o Senhor no deserto e recobrou sua esperança. Então Deus disse-lhe: "Agora volta, volta para o teu caminho, volta para o teu trabalho, volta para a tua missão."

Às vezes, é necessário que alguém nos bata no ombro, nos toque na cabeça e nos diga: Ânimo! Levanta-te, come, bebe, continua a caminhar, porque ainda te falta uma longa missão. É necessário. E esta ocasião é tempo de esperança. Neste sentido, acho que o momento que estamos vivendo esta noite, momento de plenitude espiritual, de encontro de amigos, de irmãos no Senhor, é um momento que nos abre o coração e que nos estimula a continuar caminhando na esperança.

Que é esperar? Esperar é caminhar ao encontro do Senhor. Esperar é caminhar para um encontro definitivo com o Senhor que vem. O Senhor vem, e nós esperamos ardentemente a sua vinda. Esperamos porque o Senhor já nos foi comunicado. Esperamos o Senhor que virá no fim dos tempos. Esperamos o Senhor que vem cada dia, que nos chama cada dia, o Senhor que nos consagra novamente cada dia, o Senhor que se manifesta de novo cada dia no pobre, no faminto, no sedento, no preso, no que está nu, e no que sofre. Vamos ao encontro do Senhor que a nós se manifesta através de inúmeras ocorrências e acontecimentos da história. Esperar é caminhar. Caminhar sem cansaço e caminhar juntos, fraternamente como um povo. Somos um povo que caminha ao encontro do Senhor, convocados pelo Espírito do próprio Cristo da Páscoa.

E quais são os motivos que temos para esperar? Por que temos de esperar? E por que esperar hoje?

Irmãos e irmãs, evidentemente há uma ação muito forte do Espírito Santo na Igreja e no mundo de hoje. Está bem claro que o Espírito Santo opera agora de maneira visível dentro da Igreja, que ele convida a uma renovação muito profunda, a um constante processo de conversão. É o Espírito que está agindo dentro do mundo. É o Espírito que está chamando a uma renovação autêntica da vida consagrada. E chama-nos para sermos sinais luminosos de um Deus-Amor, testemunhas ardentes de esperança no mundo. O Espírito nos está chamando. O Espírito impede que nos cansemos. O Espírito estimula-nos a sermos melhores. O Espírito nos anima com a coragem dos fortes, a qual nos torna atentos à passagem de Jesus, o Senhor da História, que nos clama: "No tenhais medo . Eu venci o mundo. Tereis muito que sofrer, mas eu venci o mundo." É um Cristo que grita para nós de toda parte: "Por que duvidais, homens de pouca fé? Por que tendes medo?"

E há ainda a descoberta da força religiosa e evangelizadora de nosso povo. Nosso povo é como que um grito do Senhor, que nos chama para sermos autenticamente fiéis. Nosso povo, através de nossas preces, sente despertarem em si as riquezas nele semeadas por Deus. Nosso povo latino-americano, nosso povo, o povo de vocês, o povo brasileiro, todos eles são um povo que oferece a riqueza de sua pobreza, a profundidade de sua contemplação, a força de sua esperança. Para mim é muito claro que nosso povo apresenta estas três características: pobreza, contemplação, esperança. E ele nos ensina a aproveitar esta riqueza em que Deus se manifesta.

São motivos para esperar: esta religiosidade de nosso povo, esta passagem do Senhor por nossa história. São motivos para esperar os acontecimentos que ocorreram nestes últimos meses, e o acontecimento salvífico para a América Latina que foi Puebla, o acontecimento salvífico que foi para o Brasil a viagem apostólica de João Paulo II.

Queridos irmãos e irmãs, a viagem pastoral do Papa ao Brasil representou um sinal e um chamado urgente à esperança: "Ser fortes na fé, alegres na esperança."

Quais os riscos e perigos contrários à esperança?

O primeiro risco é constituído pelo medo, pelo cansaço, pelo desânimo. Como é possível incutir-nos ânimo, — já que tão facilmente — nos desanimamos, nos cansamos e cedemos à tentação do medo? É necessário que alguém nos diga como o anjo da Anunciação a Maria: "Não tenhas medo." Como o anjo do Natal aos pastores: "Não tenhais medo." Como o anjo da Ressurreição às mulheres que foram ao sepulcro: "Não tenhais medo."

Como eu gostaria de vê-los afastar esta tentação e este risco que são o medo, o cansaço e o desânimo!

Outro risco, outra tentação contra a esperança são a inatividade, a passividade, a falta de coragem, a falta de compromisso, o esperar passivamente que outros construam a

História; esperar que outros nos empurrem, quando somos nós que, impelidos pelo dinamismo do Espírito, temos de caminhar juntos para o encontro com o Senhor, procurando transformar todo o nosso interior, partindo do nosso íntimo mais íntimo. Somos nós que temos de caminhar com nosso povo, sempre no dinamismo construtor da esperança.

Outra tentação contra a esperança: a facilidade, a acomodação, a insensibilidade, a falta de coragem, a falta de entusiasmo.

Outra tentação contra a esperança: a excessiva segurança pessoal, o confiar demasiadamente nas próprias forças, nos próprios talentos, como se fôssemos os únicos a possuir a verdade, os únicos a possuir a santidade. Não! É necessário termos uma pobreza radical como a de Maria.

Queridos irmãos e irmãs, só os pobres, só os contemplativos sabem esperar deveras. A pobreza e a contemplação são condições indispensáveis para a esperança.

Na esperança concretiza-se agora um novo e forte chamado a estas três coisas, sobre as quais eu gostaria de dizer-lhes — ainda que muito rapidamente — uma palavra, fazer com vocês uma reflexão.

A esperança se concretiza através de um novo e forte chamado à interioridade contemplativa, à contínua experiência de Deus, à oração profunda e ininterrupta. A esperança chama-nos a isto. Chama-nos à serenidade interior, à experiência de Deus. À experiência de Deus no Evangelho, à experiência de Deus na vida, à experiência de Deus na missão pastoral. Ela representa igualmente um forte chamado à comunhão fraterna, à comunhão evangélica em todos os níveis. E, finalmente, ela é um forte chamado à inserção missionária. A esperança nos envia: ir ao encontro do mundo, inserir-se e enxertar-se no mundo, entrar no mundo como luz, como fermento, como sal. Presença transformadora, clara, transparente de Deus. Ser testemunha da Ressurreição. A esperança nos insere evangelicamente no mundo como testemunhas e como profetas do Absoluto de Deus, de vida eterna já começada.

Os três pontos sobre os quais eu gostaria de conversar com vocês rapidamente são os seguintes: a experiência de Deus, a comunhão fraterna, e a missão de inserção no mundo.

Primeiro: — **experiência de Deus.** Puebla fala-nos desta experiência de Deus. É a primeira tendência que se constata, que se comprova, na vida religiosa da América Latina, ao lado de mais três: a comunidade fraterna, a opção preferencial pelos pobres, e a inserção na Igreja particular.

A experiência de Deus é a primeira. É a experiência de um Deus que nos ama, de um Deus que entra profundamente em nossa vida e a transforma; de um Deus que quer permanecer conosco e fazer conosco uma Aliança de Amor. A experiência desta paternidade de Deus, desta proximidade de um Deus que é Amor, de um Deus que entrou misteriosamente em nossa vida e que

a mudou. Um Deus-Amor que nos chamou e que continua a chamar-nos para vivermos em comunhão. O Deus que nos consagrou — porque é ele que nos consagra, e, ao consagrar-nos, torna-nos livres. Esta é a liberdade para a comunhão e a participação de que falamos durante estes dias. O Deus que nos consagra e nos faz segui-lo mais de perto. Este Deus-Amor que nos conquistou, segundo a frase de Paulo aos filipenses: "Fui conquistado, alcançado por Cristo."

Experiência de Deus que faz os profetas e as testemunhas no mundo de hoje. Principalmente o mundo dos pobres necessita da presença dos profetas e de testemunhas e os exige. Ele precisa de homens e de mulheres simples que, sem dizer muitas palavras, sem realizar obras excessivas, simplesmente tornem presente o Cristo da glória, esperança dos homens. Um Cristo pobre, um Cristo constantemente voltado para o Pai e, ao mesmo tempo, servidor incansável dos homens, até o ponto de dar por estes a sua vida.

Experiência de Deus: esta experiência de Deus é necessária para se poder esperar. É nesta experiência de Deus que a pessoa refaz as suas forças para continuar caminhando. É sobretudo nesta experiência de Deus que o coração se dispõe a amar universalmente os irmãos e a percorrer com eles, de forma comprometida, o mesmo caminho de esperança. É esta experiência de um Deus-Amor que nos faz gritar aos homens: Não! Não é a violência a solução para a transformação do mundo, mas, ao contrário, é pelo amor que construímos, na verdade e na sinceridade do amor, este mundo novo. Construimo-lo vivendo autenticamente o espírito das bem-aventuranças.

Experiência de Deus: experiência de Deus que cria a unidade interior, experiência de Deus que estabelece em nós esta unidade interior, tão necessária para que a oração e a vida não sejam duas coisas separadas, mas que caminhem juntas e harmonizadas: toda a vida impregnada de oração, de modo tal que nossa vida inteira se apresente como uma contemplação a serviço dos homens; uma contemplação carregada da experiência da dor e da esperança dos homens, de maneira tal que não represente uma evasão, mas antes um encontro verdadeiro com o Senhor e, nele, um encontro com o homem que sofre e espera, o homem que ri e chora, o homem que se sente só e que ama.

Unidade interior. Quanta necessidade temos desta unidade! Quanto sofremos por causa das tensões em meio das quais nos vemos obrigados a viver, das exigências de uma atividade exercida numa obra, numa missão apostólica e, por outro lado, os apelos interiores ao silêncio, à solidão, à leitura, à reflexão. O Espírito é que há de dar-nos esta unidade interior, na medida em que nos leva a conseguir manter a experiência contínua de Deus, no deserto e na atividade, e em que suscita em nós paz, tranqüilidade. Experiência de Deus que exige tempos fortes de deserto, tempos fortes de oração, momentos de exclusivo silêncio em que permaneçamos como Maria, a ouvinte, aquela que escuta; Maria, aquela que guarda todas essas coi-

sas em seu coração. Maria, aquela que recebe, contempla, aprofunda a palavra. Momentos fortes de adoração, momentos fortes em nossa vida: dias, semanas ou meses em que nos internemos no deserto, não para nos evadirmos da problemática dos homens, não para nos tornarmos insensíveis diante do sofrimento, da dor e da espera dos homens, porém, para capacitar-nos, mediante a contemplação, a descobrir, como Maria na Visitação e em Caná, as necessidades dos irmãos. Esta contemplação nos proporciona uma capacidade inesgotável de serviço.

Queridos irmãos e irmãs, na medida em que formos contemplativos seremos realistas e comprometidos. E, na medida em que abrirmos o nosso coração a esta escuta da Palavra de Deus, e em que agirmos interiormente como Maria na Visitação, nós nos voltaremos para os irmãos como comunicadores da salvação, da alegre notícia da salvação.

Experiência de Deus que exige momentos e espaços de inviolabilidade — invioláveis para a abertura à comunidade. Esta manhã, escutamos testemunhos magníficos de inserção nos meios populares, e vimos o que nos diziam tais relatores: abrindo as portas da comunidade totalmente aos outros, os outros invadiam todo o espaço, todo o tempo da intimidade. Com isto, logo se sentiu falta desta intimidade, tanto para a comunhão fraterna, quanto para a oração mais profunda. Formem comunidades abertas, hospitaleiras, cordiais, amigas, mas tenham espaços e momentos invioláveis para esta experiência de Deus na oração.

O segundo ponto é a **comunhão.** Em todos estes dias se tem falado sobre a comunhão. Também Puebla nos fala da comunhão, da comunhão como expressão de uma consagração profunda. Fala-nos também da comunidade fraterna como opção que vai condensando as tendências mais importantes da Vida Religiosa na América Latina. A esperança é sempre uma atitude comunitária e, certamente, uma atitude pessoal: somos nós, que temos de esperar; sou eu que tenho de esperar. Mas, se não estivéssemos enxertados em uma comunidade que caminha para o Pai, quantas tentações, quantos riscos de desânimo, de cansaço e até de desespero. A esperança é uma atitude comunitária. E, como uma atitude comunitária, temos de vivê-la com os outros. Por ser ela uma atitude comunitária devemos ter a generosidade necessária para comunicá-la aos outros.

Esperar com todo o Povo de Deus que caminha! E esta comunhão realiza-se em três níveis: em nível de Vida religiosa, em nível de Igreja, em nível de todo o povo.

A nível de Vida religiosa, é a comunhão que se dá em nível local. É o íntimo, o fraterno, o aberto, o compartilhado, o autêntico elo de sinceridade e de amor que constrói comunidades profundas na oração, fraternas na caridade, evangélicas na missão, corajosamente comprometidas na missão, e que vivem as exigências e as alegrias da comunhão fraterna em nível local. Como é necessário o testemunho da autêntica fraternidade evangélica!

D. Luciano dizia-nos muito bem como é grande a eficácia transformadora que tem a fraternidade evangélica para criar, para induzir e estimular — é importante a expressão "induzir" — a autêntica fraternidade entre os homens. E, para chegar a isto, é imprescindível que nossas comunidades sejam simples e alegremente fraternas. Como é valiosa a expressão de uma comunidade que vive, na sinceridade do amor, a simplicidade, a cordialidade, a hospitalidade, a alegria serena, profunda, ininterrupta.

A comunhão da Vida religiosa em nível congregacional: não basta a comunhão a nível local; é necessária a alegria a nível de família — o mesmo Instituto, a mesma Congregação. A pessoa deve sentir-se privilegiada por esta comunhão com o resto do Instituto. Isto é válido, queridos religiosos e religiosas, sobretudo em relação a certas experiências isoladas e para as comunidades enxertadas em lugares de vanguarda. Do contrário, fica muito difícil viver a comunhão íntima, quando as pessoas — os religiosos — não se sentem não só com a permissão para viver de tal modo, mas ainda apoiadas, animadas por todo o Instituto. Mesmo que se trate apenas de um pequeno grupo, três, quatro ou cinco membros que tentam esta experiência em Deus, como o dizia João Paulo II ao propor as condições para tais comunidades, todos eles devem estar em comunhão íntima com o Bispo. Mesmo que sejam somente três, quatro ou cinco, é todo o Instituto que se acha obrigado a acompanhar esta experiência. Comunhão congregacional!

Comunhão dentro da Vida religiosa em âmbito intercongregacional: é aqui que encontro o valor, o valor insubstituível da CRB, como animação e estímulo a todos os religiosos e religiosas pela mesma missão, ainda que os vários Institutos tenham sido chamados pelo Senhor, em momentos diferentes, para levar e transmitir a Boa Nova.

Comunhão em nível de Igreja significa descoberta e vivência da Igreja particular. É na Igreja particular que se realiza o mistério da Igreja universal, como ensina o Concílio. E mais: a Igreja particular é o espaço de relações mútuas onde os religiosos realizam seu amor pastoral.

É importante sentir alegria na descoberta da Igreja particular, tal como ela é: com seus riscos, seus problemas, suas limitações, suas esperanças. A Igreja particular, composta por estes bispos, por estes padres, por estes leigos, por estes religiosos e religiosas. Descoberta, em nível de Igreja particular e na Igreja particular, do próprio carisma, da própria identidade insubstituível, e fidelidade dinâmica a eles — carisma e identidade. Como religiosos e como padres religiosos, viver em comunhão orgânica com os que presidem, com os pastores. E aqui também temos a bela expressão de João Paulo II na alocução aos Bispos em Fortaleza: "comunhão orgânica com os Bispos".

Em nível de povo: em nível de povo, esta comunhão se traduz em solidariedade com todos os homens, particularmente com aqueles que têm mais necessidade, com os que sofrem.

Em nível de povo devem viver profundamente enxertados como fermento e como modelo de fraternidade, como construtores de uma sociedade nova, a sociedade, a civilização do amor, de que nos falava Paulo VI; esta civilização do amor que dá preferência ao espírito das bem-aventuranças.

Comunhão! comunhão que procede da experiência de Deus e que chega a uma inserção profunda no mundo. Dá-se o mesmo quando se procura o Bem em suas raízes: é uma comunhão com o Pai e com o Filho, como nos diz São João no prólogo de sua Primeira Carta. Depois de uma comunhão assim, na Trindade e com a Trindade, e por causa de tal comunhão, realiza-se então, uma comunhão fraterna, alegre e simples, que se sente ao mesmo tempo enviada e comprometida.

O terceiro ponto deste chamado de esperança é a **missão:** — a missão mais comprometida como nos diz Puebla ao nos falar das opções. Interessante que, quando o Documento de Puebla fala das opções para a Vida religiosa, são os próprios Bispos que se comprometem justamente com as opções dos religiosos. São os próprios Bispos que dizem: "Orientados pelos ensinamentos da Exortação Apostólica **Evangelii Nuntiandi,** nós nos comprometemos a colaborar com os superiores maiores para levar a bom termo o engajamento em tais ações."

Essas opções são a consagração mais profunda, a consagração como expressão de comunhão e a ação mais comprometida. Os Bispos se comprometeram com os Superiores Maiores que, por sua vez, aceitam a alegria de participar da responsabilidade dos Bispos.

Missão mais comprometida. Inserção nos meios mais necessitados. Ouvir constantemente o que o Senhor nos disse: que devíamos anunciar a Boa Nova do Reino a toda criatura. Sentir que o Senhor nos está chamando e repetindo a cada um de nós estas palavras: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu e me enviou para anunciar a Boa Nova aos pobres, a libertação aos oprimidos." Isto vale para todo cristão, mas vale de modo particular para os religiosos e religiosas, cuja existência, por si só, já é um modo de evangelizar.

Enxertados profundamente no mundo, estando no mundo mas sem serem do mundo, isto é, como uma irradiação do Deus-Amor, como um sinal do Reino que já está presente, de um Reino que cabe a nós consumar, de um Reino que virá, de um Reino de verdade, de amor, de justiça e de paz, de um Reino de santidade que já está presente entre os homens.

O Reino de Deus está no meio dos homens, está no mundo como o sal, como a luz, como o fermento; para o mundo, para a evangelização, e para levar a Boa Nova de Jesus, a alegria da salvação, tal como o fez Maria na Visitação: a Virgem que chega com o Cristo e faz saltar de alegria no seio de Isabel o fruto de suas entranhas, João o Precursor. Maria é a salvação que chega para os pobres.

O mundo dos pobres, o mundo dos homens está necessitando, reclamando esta preferência do Cristo que vive em nós e que tem de fazer saltar de alegria o coração dos homens. Tudo isto numa dinâmica de esperança. Numa dinâmica de esperança que é caminho, que é comunhão e apoio forte no Senhor, que é compromisso e criatividade.

Queridos irmãos e queridas irmãs, vivamos tempos de esperança. Já que somos sinais e testemunhas do Deus-Amor, digamos ao mundo que esta é a hora de salvação, que este é o momento da redenção, da chegada: chega a libertação para os homens. E, depois, comprometamo-nos, nós também, com a nossa originalidade específica dentro da Igreja, vivendo, com irrenunciável fidelidade nossa entrega a Jesus Cristo e à Igreja, para a libertação integral dos homens.

Procuremos comunicar esta esperança aos outros e construir, assim, um mundo novo.

Estamos com Maria, a Mãe da santa esperança, que presidiu todo o nosso dia de hoje, o dia dedicado à inserção nos meios populares. E ela esteve aqui, presente o dia inteiro, com seu rosário por nós rezado. E permaneçamos com Maria, Mãe da santa esperança. E, assim, como no-lo diz Paulo VI na **Marialis Cultus,** ela é a Virgem ouvinte, a Virgem orante, a Virgem oferente, que nos deixa também imersos na esperança.

Maria é a mulher nova, que vem falar ao homem novo. Porventura, a nossa vida — a de vocês e a minha, não tem de ser no mundo de hoje um sinal da novidade pascal?

Vocês têm a resposta.

Não se pode esquecer

(1) O serviço da paz e da **justiça** é um ministério essencial da Igreja, **Documento de Puebla,** nº 1304. (2) Para nós, hoje em dia, o amor de Deus deve tornar-se sobretudo **obra de justiça** para com os oprimidos, esforço de libertação para quem mais precisa, **Idem,** nº 327.

O lugar da Igreja ainda é a sacristia?

Sim. Sempre foi e continuará sendo lugar da Igreja, **também** a sacristia. Saiba, porém, que enclausurar a Igreja **só** na sacristia e na gerência do sagrado é encurtar a fé. Como também reduzi-la às dimensões de um projeto simplesmente temporal é encurtar sua missão. Paulo VI assevera: "A Igreja não admite circunscrever a sua missão apenas ao campo religioso como se se desinteressasse dos problemas temporais do Homem", **Octogesima Adveniens,** nº 34.

EXPERIÊNCIA DE DEUS NA FORMAÇÃO E NA VIVÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA

Para uns, experiência de Deus é contemplação.
Para outros, é ação. Sem dúvida, trata-se de reduções.
A verdade parece se encontrar na integração vital
dos dois aspectos. Integrar contemplação e ação.
Ser pessoa de ação e homem de Deus.
Ser pessoa de Deus e homem de ação. Não são dois
momentos separados. Precisa-se de religiosos
que saibam se entender diante de Deus e para os homens.

Pe. José Belmiro de Melo, SVD
São Paulo, SP

O fundamento

A experiência de Deus em todos os séculos e em todos os lugares, constituiu o fundamento da Vida Religiosa.

Foi a partir de uma experiência íntima e profunda de Deus, sentida sempre como ressonância a uma necessidade da época, que os grandes fundadores de Ordens e Congregações se entregaram a um apostolado e a uma maneira de viver.

Assim é a partir da sua experiência de Deus que Antão ou Antônio (251-356) se retira para o deserto, que Bento (480-547) vai para o Monte Cassino, que Francisco (1182-1226) e Domingos (1170-1221) vivem e pregam a pobreza, que Inácio (1491-1556) elabora seus exercícios espirituais e se entrega ao apostolado, para só citar alguns exemplos.

A experiência de Deus é, portanto, o coração da vida religiosa, sua última explicação.

A efetividade (apostolado) não é a finalidade da vida religiosa, nem sequer a procura da realização pessoal. Mas somente o "por causa de mim e do evangelho". Só aquele que encontrou o Senhor como Filipe e por Ele se entusiasmou (experiência de Deus), é que está preparado para anunciá-Lo a Natanael: "encontramos Aquele que procurávamos, vem e vê" (apostolado).

Assim a experiência de Deus é o ponto de partida e de chegada da Vida Religiosa. Somente quem percebeu que o Senhor é o "único Senhor" é que colocará inteiramente sua vida à Sua disposição. Quem experimentou esta verdade fundamentará nela suas atividades, realizá-las-á em união e em nome des-

te "único Senhor" e retornará sempre a Ele quando tiver desgastado suas energias no trabalho diário.

Esta experiência sentida da presença de Deus, uma presença do "Deus conosco" poderá se manifestar na solidão e no silêncio, assim como no meio das lutas e dos conflitos da vida dos homens.

O importante é que D e u s seja percebido como o Sentido último de tudo, de toda nossa vida.

Desta experiência decorre uma entrega total ao R e i n o de Deus. "Amarás o Senhor teu Deus, de todo teu coração, de toda tua alma, com todo teu afeto e com todas as tuas forças".

Portanto este fundamento da experiência de Deus deve ser solidamente colocado durante os anos de formação da Vida Religiosa. Ele será esta rocha firme e inabalável, que dá firmeza e segurança durante toda a v i v ê n c i a da vida religiosa. Quem construiu e constrói sua vida religiosa sobre este fundamento, está preparado para enfrentar os ventos e as tempestades que a vida não os poupa a ninguém que quer vivê-la em profundidade.

A dialética: contemplação-ação

Que a experiência de Deus seja o fundamento da vida religiosa, é um fato não contestado. Esta afirmação que teoricamente é, com naturalidade, aceita, contudo no concreto da formação na vida religiosa e no dia a dia da vida, não se manifesta tão óbvia e precisa ser concretizada com a seriedade que a sua importância exige.

Quanto a isto pode-se constatar o seguinte: há um valorizar da experiência de Deus, da vida de oração. A questão se coloca na maneira de interpretar e vivenciar esta realidade.

Aqui se nota duas reduções: há grupos que entendem sua experiência de Deus, dentro de uma determinada visão de **contemplação,** onde esta é entendida como momentos de silêncio, de paz e tranqüilidade diante de Deus, como instantes fortes de parada para rezar; há grupos que entendem sua experiência de Deus como **ação,** que se concretiza no trabalhar, no agir, no cumprir seus deveres, realizar o apostolado e, principalmente, no engajamento pelos outros.

No primeiro grupo privilegia-se o momento da parada para a oração, no segundo privilegia-se o engajar-se pelos outros, como melhor maneira de se orar.

O primeiro grupo sente a dificuldade de integrar a oração e vida, geralmente por não encontrar facilmente uma forma de oração que corresponda às situações da v i d a real, ou, ao contrário, por acomodação a formas tradicionais que não respondem a essas situações.

Esta dificuldade é especialmente grave para a formação hoje. Os religiosos que hoje cumprem corretamente os horários de oração, mas não sentem e não repercutem em suas orações os problemas dos homens, esta se torna para os jovens uma forma de oração que lhes diz pouco.

O segundo grupo sente a dificuldade de integrar vida e oração no sentido de que o compromisso social e o ativismo impedem de dedicar tempos prolongados à reflexão contemplativa. Levados pelo pragmatismo, esquece-se, por vezes, a dimensão de "gratuidade" e de "aparente inutilidade" dos tempos prolongados de oração.

Sem dúvida trata-se de reduções, cada qual com sua parcela de verdade, onde a verdade total se encontra na integração vital dos dois aspectos. E este é o grande desafio da experiência de Deus hoje: integrar contemplação e ação. Ser pessoa de ação e homem de Deus, ser pessoa de Deus e homem de ação. Isto não como d o i s momentos separados, mas integrados num todo único.

A história da vida religiosa nos oferece magníficos exemplos, onde as pessoas que mais profundamente se mergulharam em Deus, f o r a m também mais longe em sua dedicação aos homens. Citemos apenas um Francisco de Assis e uma Tereza de Calcutá, para f i c a r m o s em dois exemplos por todos conhecidos.

Hoje também em nosso contexto de América Latina precisa-se de religiosos que s a i b a m se entender **"diante** de Deus e **para** os homens".

A formação dos futuros religiosos deve, portanto, encarar com seriedade a integração entre oração e vida dos seus candidatos.

A questão é: como entender esta integração?

A síntese criadora

Como cristãos, como religiosos, devemos **ser homens contemplativos,** homens que vivem em profundidade a experiência de Deus. Não no sentido de uma vida inteira em contemplação. Isto pode valer para as ordens contemplativas. O fato é que não podemos ficar na superfície da oração. Daí a necessidade da contemplação. Como cristãos, como religiosos somos responsáveis por viver a oração em profundidade, e por ajudar a outros a que sejam pessoas contemplativas.

Devemos nos perguntar, portanto: o que se entende por **contemplação?** Aqui a contemplação é entendida como um **diálogo** de nossa **vida** com **Deus.** Quer dizer: nós contemplamos diante de Deus a nossa vida.

Poderíamos nos interrogar: que é mais importante **ação** ou **contemplação?** Seria um falso dilema, contudo, bem entendido, num primeiro momento, poderíamos dizer que a ação é mais importante. Em que sentido é mais importante? Expliquemos e exemplifiquemos com o N.T. Diz Jesus: "Não é aquele que diz Senhor, Senhor, que entrará no Reino dos céus, mas **aquele que fizer a vontade de meu Pai** que está nos céus (Mt 7,21)". "Este é o meu mandamento, **que vos ameis uns aos outros"** (Jo 13,34; 1Jo 3,18). Na "parábola dos dois filhos" Jesus louva o filho que disse que não ia e foi e não o que disse que ia trabalhar e não foi (Mt 21,28 a 31). O importante é o fazer e não o dizer.

Mas o que entendemos por ação quando dizemos que a ação é mais importante? **Ação** é levar a existência que Deus nos deu, com nossas individualidades, na nossa missão específica, a sério.

Ação é entendida aqui, no seu sentido mais profundo, levar a vida a sério. É ser homem. É não desperdiçar e desbaratar os dons que Deus nos deu.

E se nós fazemos o que Deus nos manda e espera de nós, nós rezamos, nós nos unimos a Ele.

Neste sentido nossa vida de trabalho, de dedicação aos irmãos, especialmente aos mais pequeninos, é oração.

Quando nós passamos o dia na ação podemos dizer a Deus: hoje não temos muito o que dizer, olha aí a vida que nos destes. Levamo-la a sério. Cumprimos nossos deveres, desgastamo-nos pelos irmãos. Foi por causa de Vós que fizemos isto!

Então a vida se torna oração.

Só quem leva a vida a sério pode **contemplar.** Pois contemplação é ver a vida diante de Deus, com Deus. Se nós não trabalhamos, não cumprimos nossos deveres, não entendemos nossa vida como um consumir-se pelos irmãos, se nós não levarmos a vida a sério, o que é que vamos contemplar? Contemplar o que? Deus em si? Isto só conseguiremos na outra vida.

Agora nós podemos contemplar nossa vida iluminada, orientada por Deus, isto sim. Se nós não levamos a vida a sério então nossa oração carece de sentido.

Contudo para levarmos como cristãos, como religiosos a nossa vida a sério, para a **ação,** precisamos de momentos explícitos de oração, momentos fortes de oração. Precisamos de contemplação. Precisamos de momentos gratuitos de parada para contemplar. Não podemos passar sem isto em nossa vida.

Devemos olhar a nossa vida, as nossas atividades, o nosso engajar, e ver se estamos realizando isto segundo Deus, conforme o Evangelho, de acordo com nosso modelo: Jesus Cristo.

O próprio vocábulo **Contemplação** nos oferece um caminho para entendê-lo: contemplação significa contemplar a ação, meditar a ação. E isto nós precisamos fazer sempre. Como cristãos, como religiosos devemos meditar nossa ação diante de Deus e em Deus, segundo os critérios evangélicos e a pessoa de J. Cristo. E isto é contemplar.

Portanto o próprio vocábulo contemplação nos oferece uma síntese para entendermos contemplação e ação.

A contemplação hoje

O que significa contemplar hoje no contexto da América Latina? Se contemplar é meditar a ação, então contemplação hoje supõe a ação e a meditação. Supõe uma vida engajada no serviço e na promoção do irmão, promoção e serviço estes que devem ser avaliados, celebrados, compartilhados, rezados diante de Deus e em Deus.

A contemplação hoje na América Latina deve nos levar a uma experiência de Deus que se traduz numa **atitude de Vida** e não pode ser reduzida apenas a momentos de oração ou a prática de exercícios espirituais. Quer dizer: não pode haver terra de missão em nós. Deus deve tomar todo nosso coração.

Temos que ter atos, exercícios de oração, momentos fortes de oração, mas isto nos deve ajudar numa atitude de oração.

A experiência de Deus na América Latina supõe que sejamos capazes de encontrá-Lo não somente na solidão, na natureza, na paz e tranqüilidade, mas também e principalmente no meio dos homens e de suas necessidades, nas situações conflitivas, no engajamento e na luta pela justiça.

Quer dizer: nossa oração e contemplação hoje deve ser uma oração que parte da vida e conduz à vida. Isto é: uma oração na qual colocamos diante de Deus e compartilhamos na fé com os irmãos, aquilo que vivemos, que vemos, que sentimos em nossa vida e em nosso mundo; e haurimos da oração forças e luzes para levar a vida a sério e nos comprometermos em conduzir a nossa vida e os acontecimentos que nos cercam e preocupam os homens nossos irmãos, especialmente os mais necessitados, com a coragem, a sensibilidade e a esperança que caracterizaram a vida do Senhor Jesus.

Esta visão da oração hoje, segundo as experiências da fé dentro da realidade latino-americana, supõe que descubramos uma imagem de Deus, que ilumine o nosso viver.

Neste sentido se acentua muito a imagem do Deus **encarnado,** que se revelou em J. Cristo, que em J. Cristo se fez pobre, a tal ponto que a experiência do pobre, e a experiência no concreto da vida de nossa pobreza e impotência, nos ajude a descobrir melhor o rosto de J. Cristo.

Contemplar este Jesus que se fez homem nos deve ajudar a descobrir o homem e sua dignidade fundamental de filho de Deus. Encontrando o homem, devemos descobrir a imagem de Deus nele, de tal maneira que todo encontro com o homem seja uma descoberta da imagem de Deus nele. E toda luta pela dignidade deste homem seja um momento de experiência de Deus, pois segundo o A. T. Deus não aceita imagens, mas faz o homem como Sua única e verdadeira imagem e semelhança.

Uma imagem do **Deus amor** conforme S. João, que nos mostre um Deus que ama a todos e convida a todos para o amor universal.

Uma imagem do **Deus surpreendente** que tira Abraão de sua terra e o conduz para uma terra estranha, assim como ele nos tira hoje, neste tempo de mudanças, de nossas seguranças e nos conduz não sabemos ainda bem para onde, só sabemos de uma coisa, que é Ele que nos conduz, e isto nos deve bastar.

Uma imagem do **Deus protagonista da história,** que vai a frente do povo de Israel conduzindo-o para a terra prometida e assim nos convida a colaborar com ele na transformação do mundo segundo os critérios do Reino de Deus.

Tudo isto nos deve ajudar a rezar acentuando certos elementos mais condizentes com a realidade da vida que vivemos hoje.

A necessidade de integrar oração e vida, faz com que nos interroguemos: que elementos devemos acentuar na formação, a fim de possibi-

litar uma real esperiência de Deus que corresponda ao momento histórico latino-americano que vivemos?

Sem dúvida esta é uma pergunta importante e necessária, cuja resposta não é tão fácil.

Contudo cremos poder assinalar alguns elementos que, ao lado de outros próprios da experiência e da realidade concreta de cada comunidade, devem ser acentuados, para ajudar a caminhada das comunidades na direção proposta.

Alguns elementos que favorecem a experiência de Deus na formação

Mencionemos alguns:

A oração comunitária deve ser entendida mais como um partilhar a vida e a fé; e não tanto um estar juntos para cumprir determinado exercício de piedade ou fazer determinadas orações. É importante compartilhar as preocupações e esperanças dos homens que nos rodeiam, fazendo que isto entre em nossa oração. É importante compartilhar a maneira de cada um ver e sentir seu trabalho, sua vida, seus relacionamentos. Isto pode ser conseguido tanto em momentos criativos de oração, especialmente preparados para a ocasião, como também no contexto da estrutura própria da tradição de oração de cada instituto. Para isto basta que haja criatividade e principalmente uma preocupação para que toda e qualquer oração se torne uma **oração** vital e não um mero recitar de fórmulas.

Aqui a comunidade deve procurar uma síntese criativa e criadora no sentido de não perder os valores da tradição do carisma oracional da Congregação, mas preocupando-se em fazer com que a oração atinja realmente as pessoas no hoje de sua vida e relacionamentos.

A oração deve ser eclesial no sentido de sentir e pulsar com toda a Igreja. O caminhar da Igreja particular e universal deve refletir em nossa oração. Não é possível rezar somente voltados para nossos pequenos ou grandes problemas pessoais e comunitários, embora isto seja necessário. É preciso que nossa oração reflita que somos Igreja, que caminhamos com a Igreja, e suas alegrias e sofrimentos nos tocam de perto.

Neste sentido a oração da Igreja, a "oração do tempo presente" pode ser um meio excelente para realizarmos nossa oração comunitária numa preocupação eclesial e unida à vida. Os salmos são portadores de experiências profundas de pessoas e do povo de Israel, que podemos tão bem aproveitar hoje. A diversidade de formas de rezá-los possibilitam ampla participação de todos. A palavra de Deus nos oferece momentos de reflexão e atualização. As preces de intercessão nos permitem exprimir o que sentimos no momento diante do Senhor e dos irmãos.

Oração pessoal: ela continua tendo seu lugar importante. Não é possível enfrentarmos a vida cristãmente, se não tivermos nossos momentos de estarmos a sós com o Pai, como fazia Jesus.

Diante das situações e desafios da vida é preciso que paremos diante de Deus, para, iluminados por Ele, tomarmos posição, recobrar forças, reanimarmo-nos e continuarmos a caminhada. Há momentos decisivos na vida das pessoas em que elas se encontram a sós com Deus, onde a luta é pessoal e interna, onde apesar de toda solidariedade humana o indivíduo tem que dar a sua resposta, pela qual ele é o único responsável. A vida de Jesus nos apresenta estes momentos.

Nós também hoje precisamos cultivar o estar a sós com Deus, os momentos fortes de oração.

Só que a acentuação não é vista no sentido de um preocupar-se egoisticamente consigo m e s m o, num estar voltado para si, alheio ao mundo que nos rodeia. Mas deve ser momentos pessoais que nos ajudem a assumirmos nossa vida com nossos comprometimentos concretos pelos irmãos.

Estes momentos fortes de oração podem ser num dia de retiro, num lugar solitário e tranqüilo, no ônibus, na rua, na fábrica.

Solidariedade universal e continental; no Concílio Vat. II a Igreja, principalmente no decreto "A Igreja no mundo contemporâneo", viu sua missão como um solidarizar-se com o homem de hoje nas suas angústias e esperanças.

Este anseio do Vat. II foi e está sendo muito levado a s é r i o pela Igreja latino-americana a partir de Medellín e Puebla, segundo as realidades do homem e do mundo deste continente.

A formação, portanto, deve oferecer condições para se conhecer a realidade universal e continental deste homem e deste mundo e deve caminhar p a r a uma solidariedade cristã com todas estas realidades conhecidas. E que esta solidariedade não seja só de palavras ou sentimentos, mas leve a um compromisso real com os irmãos de humanidade.

Em nosso mundo latino-americano a Igreja nos pede e temos inúmeras ocasiões e possibilidades de solidarizarmo-nos com os nossos irmãos de humanidade no continente, especialmente os mais precisados, que foram aqueles privilegiados da atenção do Senhor.

E isto deve marcar a nossa experiência de Deus.

Compartilhar nossa oração com o povo, que reza de forma simples e ligada à vida. Os religiosos que trabalham em comunidades inseridas no meio do povo dão testemunho do enriquecimento que representa o rezar com eles. Sua oração é simples e direta. Parte do concreto da vida e vão à Deus, parte de Deus com Sua bondade, misericórdia, amor, graça, grandeza, poder e liga com a vida e os acontecimentos. O cuidado é no sentido de não fazer de nossas orações exercícios de retórica ou racionalizações, mas rezar sobre aquilo que se vive e que se sente.

O importante é recuperarmos em nossas comunidades a simplicidade, a espontaneidade, a concreticidade da oração.

O próprio contato com o povo simples, o ouvir e ver e participar

de suas lutas, suas necessidades, seus problemas, sua fé, sua esperança, sua confiança em Deus, são momentos privilegiados de experiência de Deus, que nos faz compreender profundamente J. Cristo e o significado de sua vida.

Revalorizar n o s s a participação eucarística como ponto de encontro da vida e de partida para a vida. A Eucaristia foi um momento em que Jesus reuniu os seus discípulos, deulhes o Seu corpo e sangue como alimento, despediu-se deles antes de Sua paixão e morte, pela salvação dos homens. Assim a Eucaristia precisa conservar seus elementos primordiais de reunião de amigos em torno de Cristo e por causa Dele; de alimento que fortalece na caminhada da vida, dando apoio e força; e como paixão e entrega da vida pela causa dos irmãos.

Isto precisa ser celebrado em nossas Eucaristias: celebrar a n o s s a convivência fraterna na comunidade religiosa, eclesial e humana; se alimentar com a força do Cristo, Nele se apoiando no dia a dia dos trabalhos, das realizações, dos fracassos e decepções; se colocar numa sintonia de sofrimento com o sofrimento dos irmãos, principalmente os mais próximos e os mais necessitados, se dispondo sempre de novo a vencer acomodações e egoísmos, a fim de empregar esforços, suor e energias nas tarefas que nos estão confiadas e na construção de uma humanidade segundo Cristo.

Nisto tudo há quanto espaço para o louvor, o agradecimento, a súplica, o pedido de perdão, a disposição para a generosidade. Esta celebração deve se tornar uma celebração da fé viva e vivida.

Para iso é preciso que se traga a vida para a Eucaristia e que a Eucaristia nos leve à vida; é preciso que nossa Eucaristia seja uma partilha comunitária na fé, de nossas experiências, nossas omissões e doações de nós mesmos, de nossos trabalhos e contatos. Que ela nos encoraje a continuar a viver, a construir comunidade e a gestar um futuro melhor dentro do ideal de fraternidade universal do cristianismo.

Revalorizar o sacramento da penitência como momento de reconhecimento de nossas limitações e impotência, que nos leve a fazer a experiência de nossa pobreza pessoal, e que esta nos aproxime mais de Deus e dos irmãos. Este reconhecimento de nossas faltas é ocasião contínua de conversão a Deus, conversão esta que deve passar pela conversão ao irmão. O sacramento de penitência é excelente ocasião para percebermos o quanto temos ainda que crescer em fraternidade, o quanto devemos empenhar para superar o desejo de acomodação, a fim de usarmos força, inteligência e energia na ajuda de tantos irmãos nossos que suplicam, pela sua maneira carente de viver, a nossa solidariedade empenhativa.

O sacramento da penitência nos tira daquela falsa auto-suficiência e auto-capacidade e nos faz experimentar que precisamos uns dos outros e a buscar nossa força e confiança em Deus.

Buscar uma atitude de discernimento. Isto é: aprender a fazer do discernimento elemento constante de

interpretação dos pequenos e grandes acontecimentos da vida. Discernimento que nos faça perceber as limitações e grandezas de nossos projetos e propostas, das pessoas e comunidades onde vivemos, das estruturas e sociedades onde nos encontramos. Atitude de descernimento que possibilite que o passo a ser dado e a decisão a ser tomada seja dado e encontrada diante do Senhor, na procura sincera da verdade, do bem comum, como fruto a abertura mútua, do diálogo, do distanciar-se de barreiras, preconceitos e meros interesses pessoais.

Os pequenos discernimentos diários realizados com seriedade, prepara o caminho para os grandes discernimentos em nossa vida pessoal e comunitária, e prepara indivíduos e comunidade para discernir o que o Senhor quer e pede, diante da situação inúmeras vezes dura e triste de tantos irmãos nossos no continente da América Latina.

Tudo isto contribuirá para que se vá surgindo uma **espiritualidade** mais **missionária** e **encarnada.** Uma espiritualidade missionária que não gira em torno de nós mesmos, mas nos abre para as preocupações e necessidades das pessoas, da comunidade, da Igreja, dos homens.

Uma espiritualidade que leve à generosidade da entrega e do comprometimento. Uma espiritualidade onde os votos religiosos nos coloquem numa atitude de disponibilidade, atentos às necessidades da Igreja universal e particular, lá onde a situação é mais urgente e necessária, numa atitude de serviço missionário. Serviço missionário e vida religiosa constituindo uma unidade. A tarefa missionária determinando nosso estilo de vida religiosa, e o espírito dos conselhos evangélicos impregnando toda a nossa atividade missionária.

Isto comprometendo tanto o indivíduo como a comunidade e exigindo uma entrega radical à obra de implantação do Reino de justiça e paz.

Uma espiritualidade encarnada que se formará a partir da vida e suas exigências. Uma espiritualidade de entrega ao Senhor que passará pela entrega ao irmão. Uma espiritualidade que realçará os valores simples e profundos do Evangelho: fraternidade, solidariedade, humildade e compromisso. Uma espiritualidade que levará mais perto da vida do povo e fará que os valores cristãos ali encontrados sejam apontados e apoiados para a construção da sociedade. Uma espiritualidade onde vida e oração, trabalho e contemplação não sejam momentos extanques, mas sejam um contínuo. Uma espiritualidade que acentue a dimensão evangélica da pobreza e da simplicidade cristã, característica da maioria de nosso povo.

Algumas condições para possibilitar uma tal experiência

Para a realização de um tal programa é mister trabalhar por criar algumas condições para a sua possibilidade.

Vejamos algumas:

Se se acentua a importância da partilha comunitária de fé de cada

um, portanto é necessário que haja na comunidade clima e ambiente que possibilite uma tal partilha.

Na formação hoje isto é muito importante, a tal ponto que as pessoas que isto impedem, deveriam, com todo o amor cristão, serem encaminhadas para outro ambiente, onde elas, com todo o direito que lhes assistem, pudessem rezar segundo o modo que melhor lhes correspondessem. O que não poderia acontecer, a partir da experiência concreta em tantas casas de formação, — pois não seria justo com o momento atual do sentir dos jovens —, que houvessem pessoas que tolhessem ou matassem esta partilha.

Educadores e formadores de fé profunda, abertos e equilibrados, capazes de captar os pontos essenciais do momento eclesial em que vivemos e saibam dialogar com os jovens a partir de sua maneira de sentir o mundo e a Igreja. É importante que o formador esteja aberto para o idealismo e os anseios dos jovens, mas ao mesmo tempo saiba aproveitar este idealismo dentro de uma visão realista, fazendo-os ver as possíveis conseqüências de sua maneira de ver; e saiba aproveitar dos renovadores anseios da juventude, colocando-os dentro de uma escala global de valores a serem apreciados. Tudo isto num clima de diálogo aberto e franco.

Portanto é necessário que haja formadores competentes.

Um apostolado regular, planejado e avaliado, que coloque os jovens em contato contínuo ou partilhando sua vida, suas lutas, suas preocupações e esperanças. É a partir de ver e conviver com a realidade do povo que a experiência de Deus se concretizará, a exemplo de Jesus Cristo, por um compromisso com o pobre, um contato com o Pai que impulsione a criar uma humanidade onde os homens vivam como irmãos, na sua dignidade de filhos de Deus.

Linhas claras e critérios unificadores na formação, que permitam uma orientação coerente e em profundidade. É preciso que sa saiba quais valores se quer transmitir durante a formação e que haja um programa base que garanta sua implantação. Estes valores devem ser vistos na globalidade total de um processo, onde em cada fase se acentue mais um ou outro elemento, embora todos estejam presentes, mas no fim do processo todos os valores tenham tido seu momento forte, para a harmonia do conjunto. Entre estes valores poderíamos citar: espiritualidade sólida, contato com a realidade do povo e da vida, vivência comunitária e formação intelectual a melhor possível, segundo as necessidades de cada Congregação.

Esta unidade de critérios por parte dos formadores durante todo o processo de formação, precisa ser garantida de modo especial na passagem harmônica de uma fase para outra. Nada mais prejudicial para os jovens, se não há uma linha básica de unidade entre os formadores.

A necessidade de uma consciência a nível de província, no sentido de apoiar e incentivar uma tal caminhada e uma corresponsabilidade de todos na formação. Sem o apoio de, pelo menos, boa parte da província torna-se muito difícil para os

educadores levarem avante com êxito seu programa. Além disto o intercâmbio com outros membros da província, com a contribuição de sua experiência própria, é animadora e enriquecedora para os jovens em formação.

Uma visão da vida religiosa onde se viva uma integração da consagração-missão, onde o ser reservado para Deus seja entendido no sentido de ser enviado para o mundo. Deus nos reserva para nos enviar, a fim de que marquemos o mundo com os sinais de Sua presença.

Portanto desenvolver a dimensão missionária da consagração.

A formação não pode ser em série, estandardizada. Deve ser uma formação mais personalizada. O que favorece isto são as assim chamadas pequenas comunidades, em torno de uns 15 jovens mais ou menos. Esta maneira de viver permite o acompanhamento pessoal do desabrochar da experiência de Deus de cada um, de um modo pessoal e espontâneo. Isto ajuda para cada um encontrar seu ritmo próprio e sua maneira específica de rezar, que deve ser conseguido, a fim de que esteja o indivíduo onde estiver, execute a tarefa que for em quaisquer horários, ele tenha garantido o seu contato com o Senhor na sua vida.

Esta maneira de viver permite também um melhor clima de familiaridade e relacionamento interpessoal.

A experiência mostra que a presença de um ou mais formadores, abertos para este estilo de vida e capazes de ajudar o amadurecimento espiritual e afetivo dos jovens e o desenvolvimento pessoal, intelectual e comunitário, é essencial.

A pequena comunidade precisa ter certos valores básicos definidos e aceitos por seus membros como opção de vida, a fim de garantir-lhe sua identidade própria e a coesão grupal.

A escolha de um local adequado que permita a concretização dos valores a serem alcançados. Para uma pequena comunidade sua localização num bairro simples, que permita o contato contínuo ou parcial com o povo, numa casa igualmente simples com as condições suficientes para se atender ao conjunto dos valores a serem conseguidos, isto favoreceria uma experiência de Deus que visa integrar fé e vida.

Conclusão

Hoje a vivência da experiência de Deus recebe uma acentuação nova, a partir das necessidades mais prementes e da maneira de sentir do homem contemporâneo, principalmente a partir da opção preferencial pelos pobres.

Este novo acento deve refletir na formação, tendo em vista uma preparação para a vida religiosa do amanhã e a partir do conhecimento de que os jovens são aqueles que têm uma maior sensibilidade para a maneira de sentir o homem, o mundo e a Igreja hoje.

Para isto é preciso que durante o período de formação se garanta uma sólida experiência de Deus dentro de uma integração entre oração e vida, e que isto se reflita na maneira de

viver a vida religiosa e de programar a formação para ela, para o que se supõe educadores preparados para levar a cabo uma tão fundamental função. Foi para isto que quisemos acenar neste artigo.

BIBLIOGRAFIA

Utilizamos a seguinte bibliografia: 1) **Experiencia latino-americana de vida religiosa,** 1959/1979, nº 42, Colección CLAR. 2) **Tendências da Vida Religiosa na América Latina,** Pe. Carlos Palmés, SJ, artigo publicado na revista "Nosso Boletim", da CRB-SP, nº 9, 1979, baseado no tema apresentado na Assembléia da CRB-SP, em Itaici, no dia 7 de outubro de 1979. 3) **Diante de Deus e para os homens,** J. M. R. Tillard, OP, Edições Loyola, S.P., 1975.

É verdade

A Igreja não está a serviço de quem faz a História e sim, a serviço dos que são oprimidos pela História.

Indique algumas exigências para a Vida Religiosa, hoje, que os sinais dos tempos estão a sublinhar?

Cada um tem obrigação de interpretar os sinais dos tempos à luz do evangelho e da vida religiosa. Estes sinais, como **revelação histórica continuada,** ressaltam, principalmente, como exigências da vida religiosa hoje: autenticidade de vida, saber ouvir, saber compreender, ser mais e não ter mais, vida fraterna e personalização no horizonte de uma fé adulta, assunção pessoal e colegiada das responsabilidades da própria opção vocacional e comunitária, trabalhar em equipe, avaliação crítica dos fatos e das idéias, promoção das relações interpessoais e prioridade no serviço aos mais carentes material e espiritualmente, retorno à vida mística cristã, pluralismo dentro do espaço livre da ortodoxia e da ortopráxis, comunicação e participação, respeito à potenciação das características pessoais.

Quais seriam os elementos para uma experiência de Deus na formação?

Vou apenas assinalar alguns elementos que devem ser acentuados e remeter à sua explicitação: (1) ORAÇÃO pessoal, comunitária, eclesial, solidária, compartilhada. (2) Revalorização da participação EUCARÍSTICA. (3) Revalorização do SACRAMENTO DA PENITÊNCIA. (4) Buscar atitude de DISCERNIMENTO. Confira estes elementos às páginas 37-40.

DIVERSIDADE NA UNIDADE DA VIDA RELIGIOSA

O carisma da profecia não pode ser extinguido pela democracia formal de uma comunidade em estado de tibieza. Para grandes males, grandes remédios. No conflito de deveres e competências há situações limites que compete à autoridade dirimir. É um serviço que a autoridade presta à comunidade com o seu carisma mesmo que seja um serviço doloroso como no caso de uma cirurgia.

Pe. Erich Georg Hennings, B.
Belo Horizonte, MG

Há dificuldade em encontrar o equilíbrio no binômio pessoa-comunidade. No modelo clássico patriarcal e depois medieval o centro de gravidade pesava sobre a comunidade pela mediação do Abbas, do superior, e não vai muito longe o tempo em que o religioso reagia "perinde ac cadaver" às suas ordens e desejos. Exaltava-se a obediência cega na autoridade constituída e nem sempre se levava suficientemente em conta o que realmente constituía a vontade de Deus explícita e o que poderia ser um simples capricho ou idiossincrasia do superior. Maquinal ou passivamente, o religioso poderia jogar toda a responsabilidade no superior e lavava as suas mãos dizendo "cumpri ordens", como muito militar na Alemanha de Hitler. Sacrificavam-se os súditos em função das obras da Congregação e da Igreja. Em algumas circunstâncias havia até "apontadores" que controlavam a observância regular dos seus confrades. Na prática, muitas vezes a regra constituía, de tão louvada, a lei suprema. O grau de sua observância servia como índice de santidade. Discrição estóica, silêncio, renúncia e pontualidade eram consideradas as virtudes em vista. Os superiores examinavam a correspondência e controlavam as saídas dos seus religiosos. Confundia-se unidade com uniformidade. Tudo era feito com as melhores intenções.

Até que chegou o vendaval do Vaticano II. O mundo freqüentemente fechado do religioso explodiu. Foi dada uma maior liberdade ou até liberdade total no acesso aos meios de comunicação. Abandonaram-se os hábitos, os horários rígidos e a supervisão discricionária. Começou-se a falar muito na pessoa do religioso, na sua auto-reali-

zação, na sua responsabilidade e liberdade. Apesar de o religioso ter vivido segundo uma regra comunitária, a sua formação espiritual era fortemente marcada pelo individualismo traduzido antes de tudo na salvação e santificação de sua própria alma.

O mito da instituição desencorajava experiências e impedia um sadio pluralismo. O monolitismo da Igreja na teoria e na prática, com a sua escolástica e a sua organização permitia uma forte eficiência, mesmo que esta se afastasse do espírito evangélico. No início, opiniões divergentes ao pensamento escolástico ou experiências pastorais eram sufocadas pelo rolo compressor oficial. Basta lembrar a encíclica "Humani Generis" de 1950, as condenações da experiência dos Padres Operários na França, a condenação de diversos teólogos como Yves Congar, Henri de Lubac, Chenu e o "affair" do Pontifício Instituto Bíblico com M. Zerwick e Lyonnet, além do caso Teilhard de Chardin. Tanto a "Nouvelle Théologie" dos franceses quanto a "Teologia querigmática" de língua alemã eram suspeitas. O medo de um renascimento do modernismo enrijecia as posições dos teólogos romanos e do Santo Ofício. A filosofia e teologia escolástico-manualista enquadrava acriticamente as mentes dos seminaristas e dos religiosos dentro de determinada forma de pensar e servia como critério rígido para avaliar pensamentos divergentes.

Tal formação refletiu-se quando o religioso teve que tomar as suas próprias responsabilidades e deu margem a muitas novas exigências de ordem pessoal. Muitas vezes, antes deste Concílio, os superiores ajudavam a enterrar os talentos dos seus súditos com o argumento da uniformidade, da necessidade das obras ou outro de menor categoria. Agora, o religioso, como por uma "lei áurea", queria descontar o tempo julgado perdido e aproveitar o que fosse possível para alimentar a sua auto-realização e o desenvolvimento de seus talentos reais ou imaginários. Acentuou-se o conflito entre a liberdade individual e a obediência, a autoridade. Aumentaram os choques no seio das comunidades assim como as saídas. Muitos perderam a "carteira de identidade".

O acesso a obras polêmicas como as de Marx, Freud, Marcuse, Robinson, Fox e outros alargava os campos do pensamento, mas insinuava, a mentes pouco preparadas para a crítica, dúvidas que faziam balançar seriamente o edifício da própria fé. A promoção do laicato, a valorização do matrimônio, a possibilidade de santificação igual ou superior no mundo fora da reclusão justificavam as mudanças e a tomada de outros rumos.

Enfim o mundo cristão, e de modo particular a vida religiosa, encontrava-se em crise. Tudo isto significa que o modelo histórico da vida religiosa estava no ocaso e prestes a gerar um novo modelo exigido para os n o v o s tempos. Crise abençoada, pois obrigava a sair da rotina e da letargia para sacudir o pó de elementos acessórios e senescentes e retomar criticamente o caminho de uma maior autenticidade evangélica dentro das novas realidades terrestres. A crise permitiu um

novo e algumas vezes doloroso confronto entre a vida religiosa vivida e a Palavra de Deus. Permitiu interrogar-se sobre a interpretação dada a esta Palavra dentro do novo contexto cultural assim como reavaliar as estruturas institucionais. Houve os que não tiveram bom senso, os que falharam e enveredaram da iconoclastia das instituições para o abandono do ministério e/ou da vida religiosa. Faltou-lhes, antes de tudo, um realismo crítico, otimista, reforçado pela oração e pela escuta da Palavra para enfrentar e superar a mutação cultural nos seus aspectos globais. Precipitação e impaciência foram os seus maus conselheiros.

Passada a borrasca, p e n s a - s e agora construir o novo modelo histórico da vida religiosa sem perder as linhas essenciais do seu rosto marcado p e l o Novo Testamento. Como fazê-lo? Já se repetiu **ad nauseam** que não há mais receitas prontas. O que é também um dom de Deus. Não havendo receitas prontas, sente-se a comunidade cristã na obrigação de procurar, tentar e sujeitar-se à contingência do erro o novo modelo histórico. Na criação e gestação deste modelo há certas diretivas inevitáveis: fidelidade à revelação divina e detecção dos sinais dos tempos, além da consideração da intuição primigênia dos fundadores das diversas tipologias das ordens e congregações religiosas. Isto implica um certo trabalho de limpeza: eliminação de superestruturas obsoletas e de ideologias parasitas. Uma estrutura que não corresponder ao evangelho deve ser transformada, caso contrário perde a sua força de sinalização cristã e, por conseguinte, não serviria para testemunhar a boa nova. Passaria a ser um contra-sinal. Eliminação também de ideologia no sentido de "uma distorção, consciente ou inconsciente, de um fato real tendo em vista submetê-lo a uma utilização (instrumentalização) de um sistema pré-constituído". Isto tem como conseqüência a mutilação do fato, a negação da verdade objetiva, a inserção distorcida de um acontecimento num universo de significados que não lhe são conaturais (Gennari). É um não saber ouvir nem a Palavra de Deus nem tampouco ver os acontecimentos na sua explosão genética, mas impor cegamente o seu mundo de idéias e preconceitos à Palavra de Deus e aos eventos dentro dos parâmetros elaborados de um sistema absolutizado, pré-determinado e pré-escolhido. Não importa que a ideologia tenha sinal positivo ou negativo, seja de direita ou de esquerda, será sempre ideologia que opta pela redução, pela mão única, pela unidimensionalidade.

Feita a limpeza progressiva, segundo o ritmo típico de cada comunidade, dos resíduos anacrônicos e inautênticos convém reconstruir a comunidade cristã e religiosa em base ao Evangelho, aos sinais dos tempos, à intuição primigênia do fundador.

No fundo, o que fizeram os fundadores de Ordens e Congregações religiosas? Releram o Evangelho em base aos sinais dos tempos que lhe foram contemporâneos e traduziram esta releitura em ação operativa e eficaz para atender às exigências daquele tempo e daquele espaço que lhe foram reservados para a evangelização. Também nós religiosos,

na proximidade do ano 2000, sentimo-nos na obrigação de interpretar os sinais dos tempos à luz do Evangelho e da tipologia que caracteriza a nossa vida consagrada. E quais então seriam principalmente estes sinais? Os sinais dos tempos como **revelação histórica continuada** demonstram principalmente as exigências seguintes: autenticidade de vida, saber ouvir, compreender, ser mais do que ter mais, vida fraterna e personalização no horizonte da fé adulta, assunção pessoal e colegiada das responsabilidades da própria opção vocacional e comunitária, trabalhar em equipe, avaliação crítica dos fatos e das idéias, promoção de relações interpessoais e prioridade no serviço aos mais carentes material e espiritualmente, retorno à vida mística cristã, pluralismo dentro do espaço livre da ortodoxia e da ortopráxis, comunicação e participação, respeito e potenciação das características individuais.

No novo modelo histórico o centro de gravidade pesa sobre a pessoa do religioso. A comunidade está a serviço de um p r o j e t o de vida evangélica que atinge cada um dos seus membros. A comunidade deve espelhar a comunidade trinitária na sua unidade de natureza e na sua pluralidade de pessoas. A comunidade está encarnada nas realidades terrestres d e n t r o de determinadas coordenadas e s p a ç o-temporais e acompanha o processo histórico da salvação. A comunidade que é instituição deve reciclar-se (revisão de vida à luz do Evangelho e das necessidades dos seus irmãos) para nunca faltar espaço para os carismas e poder usar do necessário discernimento para distinguir os verdadeiros dos ilusórios. A comunidade deve relacionar-se com a Igreja particular em união com a Igreja universal como parte de um movimento de conjunto para atingir a meta escatológica, cuja partida já foi dada. Mas esta comunidade de que falamos não é um dado feito e acabado, mas está sempre em construção. Na comunidade temos pessoas de características bem próprias, de procedências diversas, de faixas etárias distintas com suas idiossincrasias específicas, de aptidões e talentos variados, de mentalidades até opostas, com seus freqüentes complexos, egoísmos, suas histórias pessoais algumas vezes por demais humanas. Cada membro da comunidade como pessoa é irrepetível, é única, "simul justus et peccator". Não existe fotocopiadora para multiplicá-la. Este dado de fato tem que ser respeitado, pois pertence ao plano providencial de Deus. Tanto o superior quanto os outros irmãos tem que respeitar, aceitar e congratular-se por todas estas diferenças. Desconhecê-las seria fugir de um realismo sadio. E mais, na medida das possibilidades comunitárias e das exigências do apostolado em favor do próximo, as qualidades, as aptidões reais devem ser potenciadas para uma maior realização da pessoa em favor de uma maior riqueza de dom para o próximo. Não se pode e nem se deve enterrar os talentos dos religiosos. Não se pode contrariar a lei do crescimento integral da pessoa e não se deve perder as oportunidades para tal crescimento. O ideal seria que houvesse oportunidade, em paridade de condições, para todas as pessoas se realizarem integralmente como tal.

Mas como respeitar todas estas diferenças sem quebra de harmonia, da unidade? Muitas vezes as diferenças dos mais fortes, dos mais virulentos, dos mais espertos, dos mais aceitos, dos mais simpáticos são reveladas e, em contrapartida, os mais fracos se sentem ameaçados e se encolhem, se isolam, se marginalizam como frágeis náufragos no oceano da mediocridade. A superação destas dificuldades está tanto numa reta concepção de pessoa quanto numa contínua conversão e reconciliação da comunidade. A pessoa, não obstante ser única e irrepetível, possui uma natureza comum com outras pessoas, fonte de solidariedade e comunicação. A unicidade da pessoa não exclui, antes pelo contrário, o seu ser com (Mitsein) outras pessoas no mundo que o circunda (In-der-Welt-Sein). O outro goza dos mesmos direitos ao crescimento e desenvolvimento dentro da comunidade humana e religiosa. Existe paridade de direitos entre as pessoas enquanto todas participam da mesma natureza humana, assim como existem direitos específicos em base às diferenças individuais. Estas, porém, estão subordinadas aos direitos fundamentais. Esta subordinação corretamente entendida evita a tentação do monopolismo e estanca a fonte de privilégios que alterariam as relações de justiça e ofenderiam o amor fraterno entre as pessoas. Numa comunidade, naquilo que atinge todos os membros, todos devem tomar parte ativa e colaborar de acordo com o projeto comunitário e segundo as próprias aptidões e competências. Um diálogo aberto, sereno e tolerante, escoimado de todo particularismo, mediocridade e mesquinhez, respeitoso da pluriformidade constitui o meio apropriado, na reunião comunitária que conta com a presença do Senhor, para a sua sempre reiterada construção e da vida pessoal e integradora de cada um dos seus membros.

A exigência do crescimento e da realização da pessoa do religioso requer a fuga ao isolamento neurótico, sinal de imaturidade, para se pôr em comunicação gratuita para com os outros. Requer, também a fuga a qualquer egocentrismo narcisista que só serve para estiolar a própria pessoa e frustrar a sua autorealização. Descontadas, por hipótese, a boa vontade e disponibilidade de todos os integrantes da comunidade religiosa, esta estará sempre assinalada pela cruz. Mantendo firme o projeto religioso, não mais passível de discussão, a sua encarnação oportuna e a escolha dos meios mais adequados devem ser matéria de discussão ampla sob a orientação da autoridade legitimamente constituída. Esta autoridade humana e religiosa, cuja razão de existir é em favor da "koinonia" e da "diakonia", está também sempre sujeita à Palavra de Deus, a Cristo como única norma hermenêutica, e ao magistério da Igreja. Daí a necessidade de um contínuo reprocessamento das decisões para sintonizá-las de maneira sempre mais fina com esta Palavra e este magistério.

As relações dos súditos com esta autoridade não escapam das exigências de solidariedade. Esta solidariedade não é inerme, mas fruto amadurecido de uma comunicação

dialética. Nem o superior e nem o súdito são donos da verdade e podem monopolizar as decisões. Tanto um quanto outro necessitam estar à procura da vontade de Deus. Tanto um quanto outro precisam usar de franqueza na emissão de suas opiniões (parresia) que podem até polarizá-las. Mas neste confronto dialético, travado com serenidade de ânimo, encontramos a raiz de um processo clarividente para a tomada de decisões. Daí a necessidade das divergências não por espírito de contradição, mas por espírito de colaboração. Estas divergências podem até ferir a nossa sensibilidade ou talvez mais ainda a nossa suscetibilidade que afetam de modo especial pessoas inseguras e de pouca fé. Mas a caminhada escatológica só é possível dentro de um espaço reservado para este processo dialético que reforçará a solidariedade comunitária. Propondo criativamente, discutindo racionalmente, decidindo e assumindo comunitariamente contribui-se para a sempre renovada construção do ser do religioso como pessoa e da comunidade. Neste processo são respeitados os direitos e aptidões da pessoa do religioso, a sua diversidade e também no final do processo a unidade analógica que se opõe, **toto coelo,** à uniformidade.

Esta autoridade deve entrar mais ativamente em jogo quando há falhas na corresponsabilidade dos seus irmãos e na concórdia autodisciplinar entre estes (Goffi). Quando a comunidade não consegue por um motivo ou outro concretizar o seu projeto de vida, o seguimento de Cristo no **hic et nunc,** quando não consegue atingir as suas metas prioritárias em sintonia com a Igreja particular e a Igreja Universal, quando a dominação de uns religiosos e a passividade comodista de outros geram graves assimetrias no seio da comunidade e colocam em perigo não apenas a unidade mas a própria razão de ser da vida religiosa em comum, transformando-se de sinal em contra-sinal, então é hora da autoridade, servatis servandis, interferir com energia prudente e firme. O carisma da profecia não pode ser extinguido pela democracia formal de uma comunidade em estado de tibieza. Para grandes males, grandes remédios. No conflito de deveres e competências há situações-limites que compete à autoridade dirimir. É um serviço que a autoridade p r e s t a à comunidade com o seu carisma, mesmo que seja um serviço doloroso como no caso de uma cirurgia. É aqui também o momento de viver o mistério pascal e de fazer viver e educar os membros da comunidade para este mistério. O espírito de fé e de uma autêntica caridade fraterna ajudará à compreensão comum da participação à Via Sacra.

BIBLIOGRAFIA

G. Gennari, **Segni dei tempi em Nuovo Dizionario di Spiritualità,** ed. paoline, Roma 1979, p. 1400-1422. T. Goffi, **Obbedienza,** ib. p. 1074-1091. L. de Cândido, **Vita consacrata,** ib. p. 1677-1692. A. Mercatali, **Comunità di vita,** ib. p. 225-241. Richard A. McCormick, S.J. **Current theology, notes on moral theology: 1979 em Theological Studies 1** (março 1980) p. 98-150, principalmente a referência feita ao livro **The acting person** do então Cardeal Karol Wojtyla.

PASSOS METODOLÓGICOS PARA ELABORAÇÃO E VIVÊNCIA DO PROJETO COMUNITÁRIO

O importante é construir comunidade e não tanto executar tarefas. Construir esta comunidade a partir das pessoas concretas dos irmãos e das necessidades básicas de toda pessoa. Necessidade de amar e ser amado: Comunidade de Vida. Necessidade de ser útil e produzir: Comunidade de Trabalho. Necessidade de compreender o sentido da vida: Comunidade de Fé.

Irmão Joaquim Panini, FMS
São Paulo, SP

I. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

1. Razão de ser e importância do projeto comunitário

O Projeto Comunitário de vida apresenta-se como um **novo modo** de viver a Vida Comunitária, onde o agente principal da renovação não é tanto o Superior, ou uma pessoa carismática da Comunidade, mas **todos os membros** que assumem o projeto de vida de modo **corresponsável na comunhão e participação.** Assim o projeto de vida comunitária não visa prioritariamente a observância de uma Regra ou Regulamento, mas a glória de Deus, pela santificação das pessoas e o cumprimento de uma missão: **Deus nos consagra ao seguimento de Cristo, "em Comunidade", para o cumprimento de uma missão, à luz do Carisma Congregacional inseridos numa Igreja Particular.**

Neste sentido vemos a importância e razão de ser desse **novo modo de viver a Vida Comunitária** e os passos metodológicos que apresentamos querem constituir uma ajuda simples e prática para vivenciá-los mais profundamente.

Trata-se de uma experiência vivida há mais de 6 anos por muitas Províncias Religiosas da América e Europa. Há Congregações inclusive que assumiram essa modalidade em

toda a Congregação, como visão e prática da Vida Comunitâria.

2. Que entendemos por passos metodológicos

Quando falamos de **passos metodológicos** não queremos insinuar "camisa de força" à qual a comunidade deverá submeter-se, nem como a "única" alternativa, nem tão pouco como uma "técnica" entendida como tecnicismo, isto é, uma técnica como um fim em si mesmo. Metodologia é a pedagogia de uma caminhada e como tal pode ter muitas dinâmicas e técnicas que são simplesmente **meios** para vivenciá-la.

Por passos metodológicos queremos entender aqui os aspectos e as fases de uma caminhada comunitária que leva em conta ao mesmo tempo os **conteúdos** de uma autêntica Vida Religiosa Congregacional e a **Metodologia** a seguir juntamente com sua correspondente **Pedagogia.**

Os Conteúdos dessa Caminhada são em número de cinco: 1. **Os apelos da realidade circundante.** 2. **Os apelos de nossa identidade de Religiosos numa Congregação.** 3. **As Prioridades da Comunidade para o ano em curso.** 4. **Os critérios de Ação que vão iluminar a vivência das Prioridades.** 5. **A Programação da vida da Comunidade através de atividades que irão traduzir as Prioridades em atitudes de vida à luz dos critérios de ação.**

A Metodologia é a mesma de toda educação e pastoral profundas, consagrada desde há muito pela Igreja, sobretudo desde o Vaticano II e especialmente Medellín e Puebla.

1. Refletir = **Ver**
2. Discernir = **Julgar**
3. Renovar = **Agir**
4. Rezar = **Celebrar**

A Pedagogia é a que transforma realmente a pessoa em agente de seu próprio desenvolvimento. É a pedagogia do **"Aprender fazendo centrado na Pessoa dos irmãos e de Cristo".** Podemos sintetizar essa pedagogia nos seguintes princípios: **Participação e Comunhão. Corresponsabilidade. Respeito à individualidade de cada pessoa. Respeito ao ritmo da Comunidade. Animação da Comunidade como autêntico Ministério e não tanto em administração. Vivência do discernimento num clima de fé e de oração.**

Os passos metodológicos de que falamos aqui são além disso os passos metodológicos para elaborar o Projeto Comunitário **"L O C A L".** Em geral se esquece muito facilmente esse adjetivo que dá ao Projeto Comunitário não só **qualificação** própria, mas também profunda **relação,** tornando-se assim um texto dentro de um contexto, adquirindo portanto maior solidez e sentido.

A palavra "local" significa e supõe várias coisas. **Significa** algo bem **situado e concreto** seja a nível interno das pessoas que compõem a Comunidade, seja a nível externo, dos apelos do contexto no qual se encontra a Comunidade: a cidade, região e país. **Supõe** uma definição e uma **opção de Província** assim como de uma definição e **opção de Congregação.**

Talvez essas afirmações causem espécie a muita gente. Entretanto a experiência vem demonstrando cada vez mais que se torna muito difícil e sobretudo pouco duradoura a ação de uma Comunidade e diríamos até de cada Religioso, se não existir definição e opção de Província sem uma definição e opção de Congregação.

Neste sentido podemos afirmar que pode e deve existir um **Projeto Comunitário PROVINCIAL,** assim como é possível e deve existir um **Projeto Comunitário CONGREGACIONAL,** nos termos e modalidade que corresponde a cada um: algo mais definido para o Projeto Comunitário Provincial e linhas gerais para o Projeto Comunitário Congregacional.

Na perspectiva dessa colocação estão implícitos vários princípios da Teologia da Vida Religiosa hoje e não é sinônimo de um enfoque tecnicista. Trata-se do que chamaríamos de **Consciência** e **Animação da Fidelidade INTER-Comunitária e INTRA-Comunitária ao Carisma Congregacional,** assumido de modo consciente. Entendemos por fidelidade intra-comunitária a vivida no interior de **cada** comunidade e por fidelidade inter-comunitária a vivida **entre** as Comunidades de uma Província e **entre** as Províncias de uma Congregação. Aqui entra o exercício do Governo de um Instituto, concebido não **tanto** como administrativo mas **sobretudo** como animação, isto é, promoção da fidelidade entre o Carisma das Pessoas e da Congregação com os Sinais dos Tempos.

Neste contexto, aparece claramente a visão dos diversos níveis de Governo no Instituto e sua responsabilidade: **Superior Local:** consciência e animação INTRA-Comunitária dos carismas das pessoas e da Congregação. **Superiores Províncias e Superior Geral:** consciência e animação INTER-Comunitária dos Carismas das pessoas e da Congregação.

Quisemos com esta introdução, dar contexto ao Projeto Comunitário Local, para situá-lo e dar-lhe ao mesmo tempo sentido e profundidade e demonstrar quão frágeis serão os Projetos Comunitários elaborados sem o apoio da definição e opção da Província e da Congregação, mesmo que recebam a "legitimação" da Conselho Provincial. A perspectiva aqui é que a Província com todos os Religiosos elabore o Projeto Comunitário PROVINCIAL e posteriormente se elabore com todos os irmãos da Comunidade o Projeto Comunitário LOCAL.

II. OS PASSOS METODOLÓGICOS PROPRIAMENTE DITOS

Primeiro Passo:

A explicitação do dever ser religioso congregacional encarnado

Este **Primeiro Passo** tem como finalidade explicitar comunitariamente as **CONVICÇÕES** e as **CERTEZAS** básicas do que seja Vida Religiosa Congregacional Hoje e Aqui.

É o momento de evidenciar os **valores** dessa Vida Congregacional, que no dia a dia serão traduzidos em **atitudes.** Esse primeiro passo tem dois momentos:

A Comunidade reunida num clima de oração, fraternidade e despojamento interior procura, **no 1º momento** discernir os **Apelos de Deus na Realidade Circundante:** Região, cidade, país e em concreto da Obra onde a Comunidade tem missão de evangelizar pelo Testemunho e pela Palavra.

Tais apelos constituirão para os Religiosos os **SINAIS DOS TEMPOS,** isto é, as interpelações e as orientações da Vontade de Deus para definir o tipo de testemunho de vida Congregacional e o tipo de evangelização a ser dada.

À primeira vista, este primeiro passo parece algo secundário e até algo ocioso, por isso esquecido, provocando em geral uma vida pouco sensível às necessidades do povo e em conseqüência pouco comprometida com suas reais necesidades e sobretudo pouco "Sinal". Entretanto, o Religioso evangeliza fundamentalmente como Religioso e para tanto precisa ser SINAL INTELIGÍVEL num contexto sócio-econômico-cultural bem determinado.

O modo prático para viver este momento, poderia consistir em responder a essas quatro perguntas:

1. Que FATOS significativos apresenta para nós Religiosos a realidade circundante?

2. Quais as CAUSAS fundamentais desses fatos?

3. Que INTERPELAÇÕES constituem para nós Religiosos esses fatos com estas causas?

4. Que possíveis pistas de respostas poderia e deveria dar a Comunidade em termos de Testemunho de Vida e Missão?

O **segundo momento** desse primeiro passo consiste no esforço de explicitar as grandes **certezas e convicções** do IDEAL Congregacional, vivido em Comunidade. Se a Província tem seu Projeto Comunitário Provincial, será mais fácil porque o exercício já foi feito em nível de toda a Província e bastaria somente recordá-los e aprofundá-los. Em caso contrário precisaria que a Comunidade vivesse tal momento meditando as Constituições e outras orientações da Congregação e tendências da Vida Religiosa hoje, tentando no final elaborar um quadro de convicções que possa servir de **referenciais básicos** para orientar todo o processo de elaboração e vivência do Projeto de Vida Comunitária.

Dos diversos aspectos doutrinais básicos da Proposta de Vida Religiosa Congregacional a comunidade procurará dar especial atenção àqueles que para a Província ou Congregação, estão sendo mais insistidos ou que a Comunidade mais precisa: Pobreza, Fraternidade, Oração, Apostolado, etc. Outra alternativa seria a de adotar os princípios básicos de um só aspecto, como por exemplo os Pobres e a Pobreza: este aspecto iluminaria todos os demais. Em todo caso, seja qual for a modalidade adotada, é fundamental enfocar tudo na perspectiva

da Espiritualidade e do Carisma Congregacional.

Esse primeiro passo que visa explicitar e deixar-se interpelar pelos chamados de Deus contidos no DEVER SER CONGREGACIONAL NUM CONTEXTO DETERMINADO tem a grande finalidade de **unificar critérios,** facilitando assim a caminhada com relação aos demais passos. Em geral, se começa por estabelecer as prioridades do ano para a Comunidade, coisa que na prática não é feito com suficiente objetividade devido à ausência de um consenso de critérios do que seja viver hoje a Vida Congregacional num determinado contexto sócio-econômico-cultural.

Segundo Passo:

Diagnóstico da situação da comunidade

O **DIAGNÓSTICO** da situação da Comunidade é o resultado da confrontação entre o SER da Comunidade e o DEVER SER CONGREGACIONAL ENCARNADO já explicitado anteriormente. É como que a **radiografia** da situação da Comunidade à luz dos apelos da Realidade e dos apelos da Identidade Congregacional.

Esta radiografia não surge sem mais nem menos, nem pode ser feita de qualquer modo. Não pode ser uma "projeção" ou imaginação do grupo. Daí a importância do 1º passo do qual já falamos; a elaboração do dever ser Congregacional ENCARNADO, sem o qual não se poderia agora julgar objetivamente a situação da Comunidade. Não devo tanto julgar a realidade da Comunidade, mas **deixar-se julgar** por ela à luz do Ideal Congregacional.

Como ponto para elaborar o diagnóstico tomam-se os aspectos já explicitados no consenso sobre o DEVER SER CONGREGACIONAL ENCARNADO. É o dever ser que julga o ser. Pode-se usar o seguinte esquema de trabalho:

1) Quais os **avanços** já conseguidos, ou seja, os pontos positivos.

2) Quais os **desafios** que ainda persistem, ou seja, os pontos negativos.

3) Que está **favorecendo** a caminhada? As possibilidades ou fatores que ajudam a crescer.

4) Que está **dificultando** a caminhada? As dificuldades ou fatores que dificultam.

O diagnóstico sobre a situação levará em conta, de modo especial também, a situação dos Religiosos que no presente ano estão na Comunidade. Ver bem sua individualidade: o que são e podem fazer, as dificuldades, as limitações de cada um para melhor respeitar o ritmo e as exigências da caminhada pessoal e comunitária.

Terceiro Passo:

A escolha das prioridades do ano

As **PRIORIDADES** são deduzidas do quadro detectado anteriormente pelo diagnóstico da situação da Comunidade.

Aqui cabem duas observações: A primeira consistiria em chamar a atenção sobre a importância de a Comunidade assumir e insistir **sobre as prioridades já estabelecidas em nível de Província,** caso isso tenha sido feito. Isto porque o Projeto Comunitário local é em grande parte, a tradução em cada Comunidade e em cada Religioso, das prioridades da Província. A **segunda observação** seria chamar a atenção sobre o aspecto da ambição e o cuidado a ser tomado em escolher somente algumas prioridades para não dispersar esforços, forças e recursos. Há Comunidades inclusive que só escolhem **uma só Prioridade,** por exemplo: Vivência da Pobreza e amor especial aos Pobres. Tal Prioridade iluminaria todos os aspectos da Vida Comunitária. Seria esta outra alternativa.

Olhando os avanços, os desafios, as possibilidades, as dificuldades e a situação dos Religiosos, assim como todo o DEVER SER já explicitado e os apelos da realidade, a Comunidade estabelece as prioridades do ano, isto é, os **PROPÓSITOS** da caminhada. Estes propósitos, são aqueles aspectos para os quais a Comunidade pretende dar uma atenção especial. Não pode ser **"generalidades",** mas aspectos bem concretos. Devem ser **"ATITUDES DE VIDA",** e nesse sentido algo observável e avaliável. Podem ser atitudes para reforçar, atitudes para reenfocar, ou atitudes para completar aspectos ausentes da vida da Comunidade.

Quarto Passo:

O estabelecimento dos critérios da caminhada

Aqui a Comunidade procura estabelecer as **luzes práticas dos propósitos** da caminhada. Conseguirá facilmente isto, se tomar cada uma das PRIORIDADES que escolheu como programa de renovação de vida e buscar para cada uma delas, uma ou duas luzes nas convicções fundamentais do dever ser congregacional hoje e aqui.

Assim, por exemplo, uma Comunidade que escolheu como prioridades a Vida Fraterna, a Promoção Vocacional, uma maior insistência na Evangelização e a Inserção na Pastoral de Conjunto achou como orientadores os seguintes critérios doutrinais:

— Viver a mística da entreajuda e da atenção especial a cada Religioso em sua individualidade.

— Promover a catequese numa linha vocacional.

— Unificar e coordenar o trabalha da Pastoral.

— Criar condições de integração da Comunidade com a Paróquia, a Diocese, as demais obras educativas e os religiosos da cidade.

E assim alguns outros.

Essas luzes ou critérios irão iluminar no dia a dia a vivência das prioridades ou atitudes práticas de vida vivenciadas através de atividades que realmente as concretizem profundamente. Tais luzes servirão também para iluminar a **animação** e a **avaliação** da caminhada que são variáveis permanentes da mesma.

Quinto Passo:

A programação

A Programação consiste em buscar os **meios** para concretizar as Prioridades à luz dos critérios escolhidos. É a parte bem prática e concreta da elaboração do Projeto comunitário. Por isso é preciso ter bem presente:

— As possibilidades da Comunidade.

— Os compromissos em nível de Província, de Diocese, da obra apostólica e outros compromissos.

— As prioridades escolhidas como propósitos comunitários ou atitudes de vida.

— Os critérios que foram escolhidos como luzes para iluminar e orientar a caminhada.

— A sinceridade em estabelecer bem os responsáveis diretos de cada atividade e indicação do modo e época de sua execução: o serviço da animação corresponsável.

— O tipo de atividade que realmente concretize em profundidade a prioridade escolhida: Trata-se de fazer algo que valha a pena e não qualquer coisa, para dizer que simplesmente foi feito. O Projeto de Vida Comunitária quer **"Convertidos"** e não "ativistas" ou "tarefeiros".

Um modo prático de fazer uma programação seria utilizar para cada Prioridade o seguinte quadro:

PRIORIDADE (o que)	ATIVIDADES (meios)	TEMPO (quando)	RESPONSÁVEL (quem)	MODALIDADE (como)
Vida Fraterna	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....
Etc.	.....	.....	.....	.....

O fundamental aqui é evitar o perigo do "cronogramismo", do "agendismo", do "datalhismo". O espírito da programação é a vivência da sinceridade e da coerência por parte da Comunidade: Como traduzir em atos os propósitos assumidos, busca para isso **meios muito concretos** e não generalidades ou ficar em bons desejos. Tais meios concretos ou atividades, serão poucos, mas fundamentais, para ajudar na concretização das Prioridades em atitudes.

A experiência demonstrou ser igualmente muito prático, incluir no final da programação, a data de acontecimentos úteis à Comunidade; reuniões importantes, cursos, aniversários, etc...

III. CONDIÇÕES DE ÊXITO NA ELABORAÇÃO E NA VIVÊNCIA DO PROJETO COMUNITÁRIO

1. Condições ambientais

O importante não é só dar de comer ao peixe mas também cuidar da água, seu habitat normal. Também o essencial não é só escolher boa semente e semeá-la, mas também e sobretudo escolher bom terreno e prepará-lo. Em síntese, toda vida precisa de condições para crescer, ou seja, o problema da vida é também e sobretudo um fator ecológico, ambiental. O mesmo diríamos do Projeto de Vida Comunitária. Precisa de um clima. O vigor de sua vitalidade, depende também de fatores "ecológicos", ambientais. Citamos alguns deles:

1.1. Condições ambientais para a elaboração do Projeto Comunitário:

a) Ambiente de tranqüilidade. Elaborar o Projeto Comunitário fora de casa onde nem o telefone, nem outro tipo de visitante possa interromper a dinâmica vivencial dos trabalhos.

b) Ambiente de fraternidade: acolher as pessoas e respeitar sua individualidade.

c) Ambiente de fé: viver o discernimento da vontade de Deus no despojamento e na oração.

d) Ambiente de tempo: elaborar o Projeto Comunitário dentro de um espaço de tempo suficiente pelo menos dois dias, sobretudo se a Comunidade é nova. Se é para fazer por fazer não vale a pena fazer; é enganar-se.

1.2. Condições ambientais para a vivência do Projeto Comunitário.

Trata-se aqui de condições ambientais que deveriam presidir no dia a dia, a vivência do Projeto Comunitário. São as que criam ambiente para a eficácia das condições pedagógicas e de conteúdo das quais falaremos logo mais. Citamos aqui três fundamentais:

a) A **localização da casa:** Nós religiosos, por sermos Religiosos e seguidores do Fundador, só podemos ter uma posição: a do **empobrecido.** Isto mesmo tendo condição de rico. Neste sentido o ambiente sócio-econômico-cultural influencia muito — como clima ambiental — a dinâmica de nossa vida Religiosa e em conseqüência não é indiferente o lugar onde está situada a casa onde moramos. Sabemos que o habitar condiciona a vida.

b) A **estrutura e estilo da casa:** Já disse um poeta francês: "Le style, c'est l'homme". Assim, a estrutura e o estilo da casa onde moramos, vai configurando bastante nossa vida: são feitos para nos isolar ou para favorecer o encontro; nos tornam próximos aos vizinhos ou nos distanciam deles e até podem envergonhá-los se nossa casa é por demais luxuosa para a condição social da maioria dos habitantes do lugar onde moramos.

c) A **estrutura de nossa Vida Comunitária:** É esse um dos fatores ambientais que mais influência tem sobre nosso Projeto de Vida Comu-

nitária, e no entanto temos disso muito pouca consciência. Se a estrutura do horário, o ritmo de vida, os espaços de fraternidade, de oração, de reflexão e lazer não apóiam e impulsionam a vida comunitária, opta-se na prática pelo lado mais fácil: o individualismo, o comodismo, a ausência e até a demissão. Assim nesse contexto, terão pouca ressonância as interpelações vindas da animação dos superiores, seja em nível local, como Provincial, Congregacional, da própria Igreja.

2. Condições de conteúdo

As condições de **conteúdo** são as relacionadas com o tipo de Vida Religiosa, sua profundidade, valor e autenticidade. Citamos duas somente:

2.1. **Um projeto de Vida Religiosa atual e exigente.**

Elaborar um Projeto Comunitário exige muita sinceridade, objetividade e autenticidade. Facilmente, ao elaborarmos o Projeto Comunitário, mesmo ao fazê-lo comunitariamente, podemos criar na tentação do **subjetivismo** e do **intimismo.** Fazemos algo "caseiro", "doméstico" sem muita ligação com a realidade, para a qual somos pouco sinal e até anti-testemunho. Ou então, "nos projetamos" em vez de elaborar um Projeto de Vida realmente resposta e sinal, condições para uma vida religiosa fiel ao Fundador e à Igreja. A vida do Fundador e dos primeiros seguidores jamais foram sinônimo de subjetivismos nem alienação, mas uma resposta objetiva à realidade e à vontade do Pai: **Deus nos consagra ao seguimento de Cristo em Fraternidade, para uma missão segundo o Carisma Congregacional inseridos no mistério da Igreja Particular.**

2.2. **Construir Comunidade e não tanto executar tarefas comunitárias.**

Eis outra condição para o êxito da vivência do Projeto Comunitário. A rotina e o culto do regulamento pelo regulamento nos tornam "funcionários" e não construtores de Vida Comunitária, a qual para ser autêntica precisa ter como núcleos a pessoa de Cristo e dos coirmãos, em vista de uma Vida a serviço de uma Missão.

O importante é **construir Comunidade** e não tanto executar tarefas. Construir essa Comunidade a partir das pessoas concretas dos Irmãos e das necessidades básicas de toda pessoa: necessidade de amar e ser amado: **Comunidade de Vida;** necessidade de ser útil ou de produzir: **Comunidade de Trabalho;** necessidade de compreender o sentido da vida: **Comunidade de Fé.**

Construir a Comunidade sobretudo a partir da pessoa de Cristo, que dará realmente a dimensão profunda a tudo. Vida Comunitária não é sinônimo de "boas maneiras" ou negociação de privilégios, mas uma vida fraterna em Cristo a serviço dos homens.

3. Condições pedagógicas

As condições **pedagógicas** são as relacionadas com a pedagogia, ou seja, com a metodologia de condução da Vida Comunitária. Aqui também citamos duas principais:

3.1. **Vivenciar uma dinâmica de Processo e não tanto de episódios.**

A dinâmica de processo tem consciência das altas e baixas do ritmo das pessoas e da comunidade, dos momentos fortes, da continuidade, da persistência, da avaliação e dos reenfoques permanentes na perspectiva do discernimento e não tanto da medição ou calculismo. O projeto de Vida Comunitária é muito mais que cumprimento de atividades como simples episódios, isto é, atividades paralelas ou isoladas. Ele é um **"contínuo"** a ser vivido na dinâmica dos acontecimentos da Comunidade e da Igreja, lidos e assumidos na fé e ao ritmo das pessoas concretas que formam a Comunidade.

3.2. **Animar pedagogicamente o Projeto Comunitário.**

A animação é sobretudo do Irmão Superior da Comunidade, mas deve ser assumida corresponsavelmente por todos os Irmãos. Animar é algo mais que administrar. Animar é promover a fidelidade entre o carisma das pessoas e da Congregação com os Sinais dos Tempos. Por isso deve ser assumida como um autêntico **Ministério** e de modo corresponsável.

O exercício dessa animação será centrado nas pessoas e não tanto no regulamento ou tarefas a cumprir. Além disso não pretender vivenciar uma pedagogia do diálogo somente, mas sim assumir a convivência e o realismo da **Pedagogia do Conflito.** Não existe pessoa humana: existe **esta** pessoa humana, isto é, a pessoa histórica com qualidades e também limitações e assim todo diálogo implica conflito. Aqui só as acomodações não resolvem profundamente a construção da Vida Comunitária nem as boas maneiras: são atitudes de demissão ou fuga. Importa aqui acolher a pessoa como é e na fé viver a ventura de ser Comunidade.

Coragem e prudência

Temos consciência cada vez mais clara da necessidade de uma grande CORAGEM e, ao mesmo tempo, de uma grande PRUDÊNCIA, **João Paulo II aos Bispos Holandeses.**

João Paulo II e suas viagens

Crise é palavra de amplo consumo num mundo, como o nosso, desorientado pelos problemas econômicos e políticos. Neste contexto, as viagens do Papa João Paulo II provocam reflexões de outra ordem. Elas sugerem o valor de um princípio espiritual. No meio de toda sorte de perplexidade, a Igreja é o repositório de uma Mensagem tanto mais luminosa quanto maiores as dificuldades do tempo presente. É símbolo providencial de uma humanidade que não conhece fronteiras.

COMUNICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

1

Noviciado São José. Experiência de Vida Religiosa inserida em meios populares. Irmãs de São José de Chambèry. Experiência apresentada na XII Assembléia Geral Eletiva da CRB, realizada de 27 de julho a 2 de agosto de 1980.

Irmã Rosália Fávero
S. João dos Patos, MA

1. a) **Quem nós somos.** Irmãs de São José de Chambèry, ligadas a Província de Caxias do Sul — RS, numa estrutura de Regional com certa autonomia, caminhando para a formação de uma Pequena Província. Estamos no NE desde 1969. Somos 10 comunidades, das quais, 7 no Maranhão e 3 na Bahia. Somos 36 professas, todas sulistas, 7 junioristas nordestinas, 7 noviças e 2 postulantes.

b) **Características regionais.** Meio rural, vivendo situações muito precárias na saúde, na alimentação e na área habitacional. Muita miséria: a fome cresce dia-a-dia. Sistema político opressor, concentrando todos os serviços. Problemática de terra muito forte — grilagem. Muito desemprego tendo como conseqüência uma população muito instável — migrações. A mulher vive numa situação de verdadeira escrava.

2. **Por que a formação no Nordeste?** Manter as jovens ligadas às suas origens (por isso os contactos com a família e com o povo são importantes). Dar atenção aos valores locais e à realidade. Incentivar uma Vida Religiosa cada vez mais capaz de servir a Igreja Local. Buscar novas maneiras de expressão da Vida Religiosa.

3. **Tempo da experiência e metodologia.** Desde 1971, jovens se apresentaram. Como não tínhamos condições de levar em frente a formação, as encaminhamos para outras congregações locais. Mas algumas persistiram e isso nos levou a refletir. E em 1975 iniciamos a Casa de Formação, na cidade de São João dos Patos-MA, diocese de Caxias, mas pastoralmente ligadas à Prelazia de Balsas. As 7 junioristas nordestinas são já fruto dessa experiência.

Comunidade formadora. Há uma pessoa responsável mais diretamente, mas a formação é assumida em conjunto. Há uma estreita colaboração para que a formação seja muito ligada à vida. As aulas são distribuídas entre as pessoas da comunidade, e das outras comunidades, pessoas convidadas e alguns leigos engajados.

Manutenção da casa. Ainda não conseguimos nos manter com os recursos locais. Vivemos com o fruto de algumas aulas de formação religiosa dadas nos colégios da cidade; da economia das casas locais; da ajuda por parte das províncias do Sul e do Governo Geral. Cultivamos um quintal com fruteiras e uma horta onde tiramos toda a verdura consumida na casa. Esse cultivo tem dois aspectos: para não esquecerem que são quase todas filhas de lavradores e para sermos solidárias com o pessoal com quem trabalhamos. Cuidamos de algumas galinhas e um porco para ajudar no sustento da casa. Nessas tarefas ocupamos uma hora diária. O método de ação-reflexão-ação ajuda muito quer seja na parte pastoral quer na formação em si mesma. Ela ajuda a criticar os fatos e analisar a realidade, permitindo a formação crítica a partir do que acontece.

Com essa finalidade assumimos trabalho em três bairros da cidade. Ali vemos nascer um grupo bem consciente e capaz de conduzir sua história e exigir seus direitos. É uma porção de Igreja que nos evangeliza. A ação pastoral e a formação se conjugam. Uma enriquece a outra. Para o trabalho dos bairros seguimos um roteiro com alguns itens que nos facilitam uma maior presença de espírito e permite captar melhor toda realidade do momento. Todos os encontros são seriamente preparados e avaliados. Percebemos que esse tipo de reflexão nos ajuda na auto-crítica, e nos leva a refletir o que fazemos e a buscar as causas do que acontece, ligando a uma situação mais ampla de mundo.

As tarefas domésticas são assumidas por rodízio e as decisões são tomadas em conjunto. A distribuição das lideranças semanais é feita por uma delas, por rodízio. Para respeitar os costumes e os valores locais são elas, as jovens, que determinam o andamento da casa, o tipo de comida, etc.

Diariamente rezamos juntas o louvor da manhã e à noite; duas vezes por semana, as jovens organizam celebrações dentro do que se vive como realidade e como Igreja. São muito ricas e possibilitam uma partilha muito profunda do que se vive e se reza. Uma vez na semana temos a Eucaristia em casa, acompanhada do rito penitencial ou mesmo da celebração da penitência. Nas quintas-feiras, pela manhã rezamos com o povo na paróquia e nas demais noites participamos da celebração da Eucaristia na paróquia.

Dedicamos bastante tempo a avaliação de vida da comunidade e as noviças fazem mensalmente uma avaliação por escrito da caminhada.

Dedicamos bastante tempo ao acolhimento, visto ser uma das características do povo.

Cultivamos momentos de lazer, onde retomamos forças para a caminhada e distendemos as tensões que a vida dura nos traz.

Semanalmente temos duas horas de comunicações de leituras de reinformação para uma tomada de consciência do que se passa no mundo.

O conteúdo doutrinal do programa de formação visa os aspectos: bíblico, teológico, eclesial, moral, litúrgico, realidade, formação humana e da personalidade, consagração e votos, teologia da vida religiosa, congregacional — carisma.

Duração do noviciado. Dois anos, acontecendo no 2º ano estágio de 4 ou 5 meses nas comunidades locais, onde tentam conhecê-las e experienciar uma profissão em substituição às irmãs, e mesmo assumir um trabalho pastoral.

Postulantado. Na experiência iniciada neste ano a duração é de dois anos e está acontecendo numa casa local, onde a comunidade assume a formação auxiliada por uma pessoa responsável, a qual procura uma vez por mês se fazer presente na comunidade. Optamos por aceitar que o postulantado seja feito nos dois Estados: Bahia e Maranhão e o noviciado, juntas no Maranhão.

4. **Repercussões desse tipo de formação na nossa vida.** Sendo a formação e a aculturação processos, percebemos que de maneira geral há um esforço para:

— Uma conversão pessoal em todos os sentidos.

— Perceber que a vida é mais importante do que a estrutura.

— Perceber que os horários e esquemas de trabalho devem ser mais flexíveis.

— Uma certa relativização da intelectualidade.

— Uma vida comunitária mais profunda para sermos significativas para o povo.

A evangelização é mútua, nós e o povo; o povo e nós:

— Maior simplicidade de vida.

— Um assumir conjunto da formação.

— Desenvolver a criatividade, usando os meios locais.

— As vocações são mais eclesiais. A congregação, um meio de servir a Igreja.

Maior co-responsabilidade na vida e na ação:

— Uma fé mais consistente (é preciso acreditar que a coisa caminha não obstante tantas dificuldades).

— Ler e escutar a realidade.

— Mudar os critérios de admissão ao noviciado.

— A vida mais encarnada e mais eclesial.

— Planejar e revisar a vida e a ação constantemente.

— Respeitar os valores e o ritmo de trabalho do nordestino.

— Ver na convivência com nordestinas uma ajuda muito grande pa-

ra entender o povo possibilitando uma resposta e um serviço mais adequado.

— Cultivar a intimidade com o Senhor, pois somente Ele nos sustenta no projeto religioso.

— Perceber que a formação deve ser mais alargada (leis, sindicato, Funrural, INPS, etc...).

— Ajudar a mulher a se libertar de tantos preconceitos e escravidões.

— Uma encarnação maior, pois a casa da comunidade é a casa do povo.

— Perceber que a vida religiosa deve ser devolvida ao povo simples.

— Nos colocar continuamente o desafio: o que significa viver os votos religiosos de maneira compreensível, nesta realidade onde vivemos?

5. **Impasses — dificuldades.** Fé muito difusa e mística; falta de conhecimento da realidade e consciência crítica; perigo de promoção social; perigo de acomodação e instalação; marcas do medo — causa histórica; carência afetiva muito acentuada; tendência a extremismos; falta de consistência familiar gerando insegurança; diferenças culturais; medo do risco...

6. **Como a congregação nos vê.** Recebemos muito apoio da parte das Províncias do Sul quer financeiro, quer em pessoal. Há bastante intercâmbio. A congregação nos estimula a caminhar e a buscar formas de vida, que possibilitem realmente a expressão da consagração. O governo geral e mesmo as Províncias de Caxias do Sul e de Lagoa Vermelha, na medida do possível nos visitam e participam dos encontros maiores e das assembléias. Sentimos que a congregação nos olha com muita esperança e nos acompanha nos passos que damos para sermos cada vez mais uma resposta de Comunhão entre os homens.

2

Experiência da Comunidade de Tucunduva, RS. Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Experiência apresentada na XII Assembléia Geral Ordinária Eletiva da CRB, realizada de 27 de julho a 2 de agosto de 1980.

Ir. Zélia Maria V. da Costa, MJC
Tucunduva, RS

1967 a 1970 — Noviciado da Província, estilo tradicional, em Viamão. A crise atravessada pela Igreja e pela Congregação começou a atingir a Comunidade.

1971 — A Comunidade, agora composta de cinco membros, após muita tensão com a Província, reflexão, sofrimento e em crise de manutenção deixa a casa grande e pas-

sa a residir numa casa pequena, mudando-se por três vezes.

1973 — A Congregação entra num processo de interiorização da missão. A comunidade vivia se questionando sobre o estilo de vida, pobreza, inserção maior. Assim, a interiorização da missão vem, de certa forma, responder a seus anseios.

1975 — A Comunidade, a pedido da Província, recebe duas noviças e uma postulante.

1976 — É fundado o Noviciado Congregacional em Vitória, E. Santo. Uma Irmã da Comunidade de Viamão atende à solicitação de coordenar esse Noviciado.

Fevereiro/1977 — A Comunidade parte para uma fundação a 600 km de Porto Alegre, no município de Tucunduva, diocese de Santo Ângelo, zona rural. Iniciamos nossa missão em Tucunduva partindo do conhecimento da realidade através de visitas às famílias, organização de grupos de oração e reflexão, descoberta de lideranças. Regressando de um encontro congregacional de formação inicial, onde a tônica foi: "o povo nos desinstala", a comunidade inicia uma nova reflexão: inserir-se numa das regiões mais carentes da paróquia, assumindo um estilo de vida mais simples, em solidariedade com o povo.

1978 — A Comunidade assume uma dessas regiões, enviando duas Irmãs para residir junto ao povo de Vila Pratos. Um dia por semana a Comunidade (os dois grupos) se encontravam para um tempo forte de oração, estudo e avaliação. Várias dificuldades tivemos nessa caminhada: falta de apoio de um dos vigários; as diretorias das capelas, apegadas ao dinheiro e que ao mesmo tempo não aceitam o trabalho com os pobres; a opressão dos que têm mais posses sobre os que têm menos; o racismo, etc.

A Comunidade conseguiu superar em parte essas dificuldades, graças à oração, encontros comunitários, ao apoio do Bispo, e à amizade depositada pelo povo simples.

Boa intenção e competência

A boa intenção desprovida de competência ou a competência sem bons propósitos são, ambas, fórmulas equivalentes de conduzir a desastres.

Como se distingue politização de politicagem?

Politização é um conceito positivo. Significa a ação educadora para o social, para o político, para a corresponsabilidade. Politicagem é a utilização dos aparelhos do Estado, feitos para todos, em benefício somente de alguns ou de uma classe. Ou ainda, a interferência da hierarquia em questões de política partidária.

ESPERANÇA E PAZ

Pe. Marcos de Lima, SDB

Ainda é tempo de Esperança?

Sim. Sem dúvida alguma. Tempo de muita Esperança. Tempo de verdadeira e profunda Esperança. Vivemos um tempo de muitas características. Uma delas é a "sinistrose", a síndrome do funesto irremediável, a futurologia do desastre. Longe de nós todo pessimismo de encomenda. É urgente vencer este cerco de maus presságios. É certo que qualquer pessoa, com facilidade, pode relevar conjunturas nacionais, regionais e internacionais perturbadoras. Situações estigmatizadas pela crise energética, pela inflação, pela violência, pelo terrorismo, ameaças à integridade de soberanias nacionais, ameaças à manutenção da paz armada com a qual aprendemos a conviver. A própria Igreja também se coloca inquieta e angustiada frente à questão fundamental de harmonizar o pluralismo de sua apostolicidade e a unidade substancial de sua catolicidade. Mas, na visão conjunta do mundo, a Igreja surpreende pela conjugação da unidade e da multiplicidade. Este mistério de unidade é a surpresa de uma instituição habitada pelo Espírito. São Paulo escreveu em sua Carta aos Hebreus, capítulo 11, versículo 1: "A Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam. É a certeza das coisas que não se vêem." A Esperança é essencial em nossa vida. Não o digo como afirmação puramente convencional nem como atitude de otimismo formal. É uma convicção radicada na Fé. Todo este panorama, que parece sombrio, deve ser encarado de uma perspectiva em que a ESPERANÇA seja a palavra-chave. ESPERANÇA como antônimo de derrotismo e de pessimismo. ESPERANÇA como sinônimo de coragem, perseverança, solidariedade, mobilização de toda boa vontade e de toda consciência. A **Vida Religiosa** é essencialmente mensagem de Esperança cultivada como força motriz para toda eventualidade passageira e superficial, por natureza. A Vida Religiosa aponta para bens permanentes escatológicos, que se ESPERAM, suporte de toda ESPERANÇA.

Você celebrou o Dia Mundial da Paz?

Sim, celebrei-o. Foi o Dia Primeiro de Janeiro. Neste dia, celebramos o **XIV Dia Mundial da Paz**, instituído pelo Papa Paulo VI, em 1968. Neste ano, o tema escolhido foi: **Para servir à Paz, respeite a liberdade**. O núcleo da mensagem de João Paulo II é a idéia de que a liberdade é, ao mesmo tempo, a raiz e o fruto da paz. É a área de que precisa a paz para brotar e florescer. São Paulo, na Carta aos Gálatas, capítulo quinto, versículo primeiro, escreve: **"Irmãos, fostes chamados à liberdade"**. O Concílio Ecumênico Vaticano II, na Constituição Gaudium et Spes, n.º 17, nos ensina que Deus quis "deixar ao homem o poder de decidir" para que procurasse espontaneamente o Criador; a Ele aderisse livremente e chegasse à perfeição plena e feliz. E acrescenta: "O homem consegue esta dignidade quando, **liberado** de todo cativeiro das paixões, caminha para seu fim, pela escolha **livre** do bem e procura eficazmente os meios aptos com diligente aplicação". Lemos ainda em São Paulo (1 Cor 6, 12; 10, 13; 8, 9) um lúcido esclarecimento no uso de nosso arbítrio com nítida delimitação: "Tudo é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica. Tomai cuidado para que esta liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos". É imperioso, na sociedade de consumo em que vivemos, saber conciliar a liberdade comportamental de cada um com os direitos dos demais. A celebração da liberdade, desta idéia invencível, como instrumento eficaz na consecução da paz é o alicerce de toda harmonia na vida civil e religiosa. Uma casa precisa de fundamentos sólidos. A verdadeira liberdade é fruto de disciplina e não de facilidade. Nada é mais difícil do que ser verdadeiramente livre, mormente depois de conhecer a variedade dos caminhos da liberdade e sua confusão com os desvios da licenciosidade. Exige-se submissão visceral ao império da lei.